

78	66	55	45	36	28	21	15	10	6	3	1	0
91	79	67	56	46	37	29	22	16	11	7	4	2
103	92	80	68	57	47	38	30	23	17	12	8	5
114	104	93	81	69	58	48	39	31	24	18	13	9
124	115	105	94	82	70	59	49	40	32	25	19	14
133	125	116	106	95	83	71	60	50	41	33	26	20
141	134	126	117	107	96	84	72	61	51	42	34	27
148	142	135	127	118	108	97	85	73	62	52	43	35
154	149	143	136	128	119	109	98	86	74	63	53	44
159	155	150	144	137	129	120	110	99	87	75	64	54
	160	156	151	145	138	130	121	111	100	88	76	65
		161	157	152	146	139	131	122	112	101	89	77
163			162	158	153	147	140	132	123	113	102	90

EDITORIAL

Este é o terceiro **QI** do ano de 2020, cumprindo, mais ou menos no prazo, o prometido com a reinstauração da assinatura. Só não sei dizer se o assinante ou os demais leitores chegaram a receber os dois primeiros, já que não dá para saber se o Correio cumpriu a promessa de entregá-los. O pagamento pelo serviço foi feito adiantado e em notas (que não eram promissórias).

Os colaboradores cumpriram a promessa de enviar seus textos, ilustrações, HQs. Estão presentes Henrique Magalhães, Luiz Cláudio Lopes Faria, Lio Guerra Bocorny, Alex Sampaio, Wagner Teixeira, Carlos Gonçalves, E. Figueiredo e Worney Almeida de Souza. Na parte de texto, acrescentei uma entrevista que não havia prometido a ninguém. Foi concedida a Nina, por ocasião de um trabalho de faculdade que fez, por volta de 2007, e que, embora com alguns dados desatualizados, achei que cumpriam algum objetivo. Também os afiliados ao *Fórum* não fizeram promessas em vão, aí estão, tanto que a seção ganhou mais páginas, aumentando o volume deste **QI**. E as *Edições Independentes* pagam as promessas de seus editores.

O encarte deste número é nova decolagem de *Voos n'O Tico-Tico*, cortesia de Francisco Dourado. Boa leitura!



QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 163 – MAIO/JUNHO DE 2020

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657
Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.

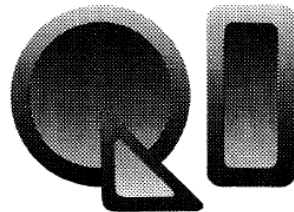
O sítio Marca de Fantasia, graças à boa vontade de Henrique Magalhães, tem colocado disponível em PDF um grande número de edições do **QI**, não só os números recentes como, aos poucos, os números anteriores. Estes estão sendo colocados em contagem regressiva. Já estão disponíveis a partir do nº 79. O objetivo é chegar até o nº 0. Além disso, praticamente todos os encarte estão disponíveis, faltam apenas dois, sendo que um deles, o **Fanzine**, foi transformado em livro pela Marca de Fantasia. Agora, um novo encarte está sendo oferecido junto com este **QI**, além do *Voos n'O Tico-Tico* mencionado no editorial.

Há poucos meses, o pesquisador Alberto Pessoa me pediu informações sobre os trabalhos de Júlio Shimamoto que foram publicados no **QI**. Por facilidade, copiei em um arquivo, nos moldes de um encarte, tudo que havia no **QI** feito por Shimamoto e enviei ao Alberto. Fiz até capa e dei nome ao documento, **Shima no QI**. Com isso fiquei com um encarte pronto. Mas não pensei em fazer esse encarte impresso, pois todo o material já havia sido publicado (e impresso) no **QI**. Então consultei o Henrique e, com a concordância dele, está sendo oferecido aos leitores o primeiro encarte somente digital do **QI**.

Assim, quem quiser ver ou rever todos os trabalhos de Shimamoto que saíram no **QI**, acesse o sítio www.marcadefantasia.com, e boa leitura!



NO





RENDIMENTO E PRODUTIVIDADE...

NA SALA DE REUNIÃO DE UMA GRANDE EMPRESA, UM FUNCIONÁRIO APRESENTA O GRÁFICO DE RENDIMENTOS E PRODUTIVIDADE.

SEGUNDO NOSSAS PESQUISAS, RENDIMENTOS E PRODUTIVIDADE DA EMPRESA, FICARAM BAIXOS NA 1ª, 2ª E 3ª SEMANA DO MÊS! PORÉM NA 4ª SEMANA DO MÊS NOSSOS LUCROS CRESCERAM 83%!! PARA DEPOIS NO MÊS SEGUINTE CAIR NOVAMENTE!

QUE ABSURDO! QUAL EXPLICAÇÃO PARA ISSO??

É QUE NA 4ª SEMANA DO MÊS PASSADO O WIFI DA EMPRESA FICOU FORA DO AR!!

LUÍZ FÁRIA

MENTIRAS QUE TODO MUNDO CONTA!!

DESILUDIDA...

NUNCA MAIS QUERO SABER DE HOMENS



CALOTEIRO, DEVEDOR!!

PODE DEIXAR! PAGO SEMANA QUE VEM! SEM FALTA!



BÊBADO...

SEI PERFEITAMENTE O QUE ESTOU FAZENDO, IC!



ANIVERSARIANTE

PRESENTE? NÃO TEM PROBLEMA! SUA PRESENÇA É MAIS IMPORTANTE!



FILHA ADOLESCENTE.

DORMI NA CASA DA MINHA AMIGA!!



LUÍZ FÁRIA

EX ALCOÓLATRA!!

NUM BOTECO, UM CASAL ENTRA PARA TOMAR UMAS! NISSO O HOMEM REPARA E COMENTA, SOBRE UMA MULHER BÊBADA SENTADA NO BALCÃO.

AMOR, ESTÁ VENDO AQUELA MOÇA, ENCHENDO A CARA?

ESTOU SIM! VOCÊ A CONHECE?



É MINHA EX-NAMORADA! ME SEPAREI DELA HÁ 5 ANOS E ATÉ HOJE ELA NÃO CONSEGUIU PARAR DE BEBER!

SÉRIO? VERDADE? ELA ESTÁ COMEMORANDO HÁ 5 ANOS!!!



LUÍZ FÁRIA

CORES

em

NUMA IMPRESSÃO
P&B SOMOS IGUAIS

E AÍ,
VERDE?



FALA,
VERMELHO.



POR:
WAGNER
NYHYHW H

E AÍ, PESSOAL?



FALA, AZUL.



Ei, JÁ REPARARAM
NUMA COISA?



QUÊ?





Colaboração de Wagner Nyhywh.

HECATOMBE

Lio Guerra Bocorny

A pandemia que assola o planeta nos faz lembrar personagem da ficção de H. G. Wells, **A Guerra dos Mundos**.

A sensação de pavor é bem semelhante àquela contemplada pelo personagem: ninguém nas ruas, a população assustada, acuada dentro de suas casas, temendo a todo momento a sua destruição.

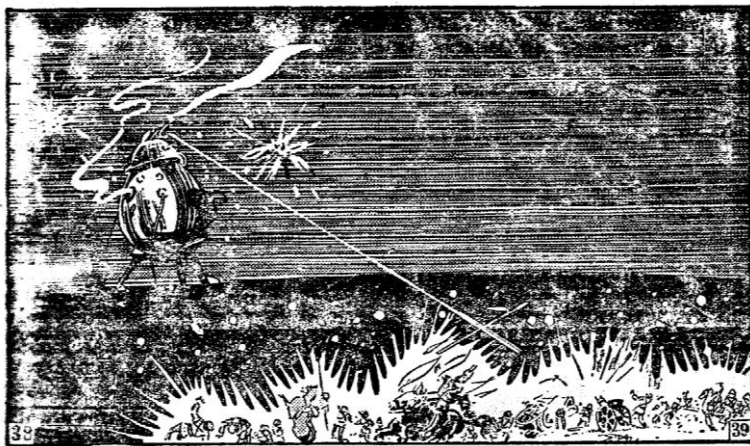
O pânico gerado pela mídia inconsequente faz lembrar a transmissão radiofônica da Rede de Rádio do Columbia Broadcasting System, realizada por Orson Welles, que segundo a história, em 1938, deixou a população atônita, sem rumo, isso 40 anos após o lançamento do livro.

Ninguém imaginou que um dia o Mundo parasse tão de repente e que a humanidade se recolhesse por uma causa tão insólita.

Queira Deus que o perigo tenha cessado quando este artigo for publicado, mas ninguém pode ignorar que foi uma hecatombe, tanto social como econômica e sobretudo sanitária. Oxalá os danos sejam reparáveis.

A **Edição Maravilhosa** publicou em 1956 a quadrinização do notável romance escrito em 1898, que se tornou um clássico da ficção científica.

Também o **Almanaque de O Globo Juvenil**, de 1951, publicou em interessantes quadrinhos essa célebre obra de Herbert George Wells.



O interessante é que, na novela, os invasores, após causarem danos terríveis no planeta, são destruídos por bactérias existentes na natureza, para as quais não tinham defesa.

A atual pandemia é gerada através de vírus, seres dez mil vezes menores que as bactérias, que nem sequer têm metabolismo próprio, usando as células dos organismos que invadem para se reproduzir.

O SONHO ACABOU...

E. Figueiredo

Quando John Lennon dizia a frase, em sua canção **God**, “O Sonho Acabou” foi compreendido como fim da glória dos Beatles. E essa interpretação correu o mundo e tem sido usada, por analogia, em várias situações.

Entretanto, Lennon, em sua composição **Mother**, fala de seus familiares, precisamente sobre abandono de seus pais. Entende-se, pois, que a amargura já o acompanhava.

A famosa frase não foi apenas o dobre dos sinos do final do conjunto Beatles para seus milhões de fãs. Ao anunciar que o sonho acabou, a dimensão foi além dos limites da beatlemania. A percepção de Lennon era de que o sistema havia reagido e que o mundo não era mais o mesmo. Ele percebera a mudança, de quando o grupo começou e de como era naquele instante e o rumo que a Humanidade caminhava, que entendia como um futuro desconhecido.

Lennon sempre foi interpelado sobre a frase. E, pouco antes de morrer, à pergunta sobre qual pensava ser o sonho daqueles anos, respondeu:

– Faça seu próprio sonho! Eu não posso te despertar. Você pode se despertar...



FÓRUM

JOSÉ MAGNAGO

Cachoeiro de Itapemirim – ES

Recebi o excelente **QI 161**, recheado de páginas com histórias em quadrinhos, capas de gibis saudosos, 'Fórum' com as opiniões dos leitores, inclusive os do nosso querido Portugal, também cheios de capas daqui e de lá, inclusive quadrinhos de Angelo Agostini.

Um abraço para os amigos que há tempos não nos comunicamos mais: Lio Guerra Bocorny, Alex Sampaio, Henrique Magalhães, Abelardo Souza, Lancelott Martins, Mário Labate Santiago, Gaspar Eli Severino. Meu abraço também a você e aos amigos com quem mantenho contato até hoje: E. Figueiredo, Luiz Antônio Sampaio.

Agradeço ao Rod Tigre pelas páginas com Angelo Agostini e Roberto Carlos, nosso Rei. Agradeço também pela página com O Gato Félix, extraída de **O Tico-Tico** de 1939. Agradeço ao abraço que o Francisco Dourado me mandou e retribuo. E ele cita o meu amigo Cláudio Dilli, que tem 74 anos; eu, amigo Edgard, estou com 75 anos. E mando um abraço também para todos os demais colegas que aparecem neste **QI 161**, e parabenoza a você, Edgard, pela bela capa.

Recebi o **QI 162**, acompanhado do suplemento n° 12 com 'As Mulheres da Selva', por Carlos Gonçalves. Que capa essa do **QI 162**, muito original, trazendo sua figura através do n° 162, que é o número do fanzine. Bem bolado. Todo o **QI 162** está ótimo: capa, como já falei, HQ de Julie Albuquerque, 'Amigo da Onça', por Mário Santiago, 'Maria', por Henrique Magalhães, 'Segredo entre Amigos' e mais dois, de Luiz Faria, matéria de Alex Sampaio, idem de Edgard, o 'Fórum' com as cartas sensacionais dos leitores, com muitas curiosidades sobre HQs, muitas páginas antigas de HQs e capas (destaques para a página 10 com as capinhas de saudosos almanaques), 'Edições Independentes', 'Mantendo Contato', por WAZ, 'Um Sonho Alcançado', por E. Figueiredo, 'Selos sobre Quadrinhos', e as duas últimas páginas com você, finalizando a última com ilustração feita há cerca de 40 anos, dos velhos e iniciantes tempos...

E que beleza de suplemento: cada capa e que ótimas matérias. 20 páginas sensacionais. Parabéns ao Carlos Gonçalves e a você.

Os Correios estão "metendo a mão" no nosso bolso. Vi no envelope que trouxe esse **QI**, os selos totalizando R\$ 4,00. Isso mostra que você só tem tirado dinheiro do bolso com essas publicações, pois o que nós pagamos pela assinatura mal dá para pagarmos os selos; e o papel, a tinta, a impressão, etc... sem contar o seu tempo precioso dedicado a nos oferecer cada vez melhor essas sensacionais publicações tão bem feitas por você, além de divulgar nossos fanzines.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

São José dos Campos – SP

Recebi o **QI 162** e confesso que adorei o artigo sobre 'As Mulheres da Selva' de Carlos Gonçalves (colaboração de Edgard Guimarães), muito bom! Destaco também 'Camila' de Julie Albuquerque, o excelente traço de Mário Labate Santiago, 'Maria' de Henrique Magalhães, o texto 'Por que Tantos Erros nas Adaptações dos Quadrinhos para o Cinema' de Alex Sampaio, o texto 'O Melhor Evento de Quadrinhos' por Edgard Guimarães, rezar e torcer para essa pandemia passar logo e organizarmos um evento de quadrinhos, 'Fórum' com as diversas colaborações dos amigos, uma verdadeira aula, muito interessante a carta do amigo Francisco Dourado, relembrando outra terrível pandemia, a gripe espanhola, que matou mais de 50 milhões de seres humanos (história se repete, infelizmente). Gostei também do texto 'Um Sonho Alcançado' de E. Figueiredo. Me despeço com um abraço fraterno a todos.

LIO GUERRA BOCORNY

Florianópolis – SC

Recebi o **QI 161** com muito atraso, mas ainda que recebi, pois tudo está descompassado. Acho que nem as bússolas estão funcionando.

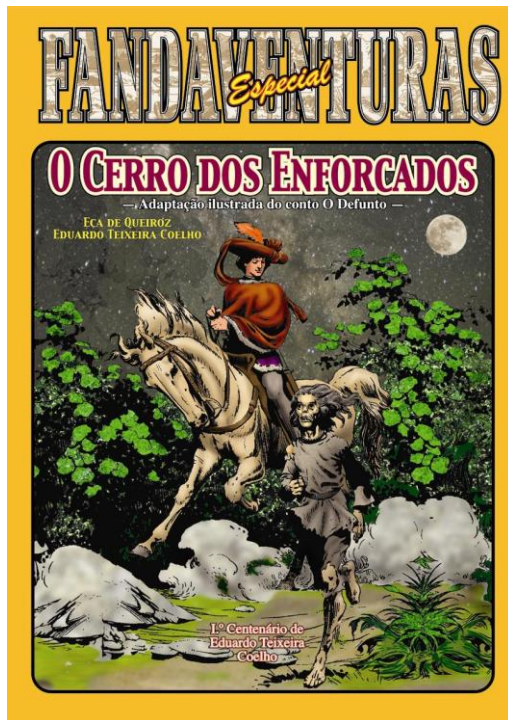
A carta de Alex Sampaio que comenta as capas natalinas de **O Guri**, que fascinaram os leitores do passado, fez com que eu remexesse meus guardados. Interessante que essas edições especiais lançadas sempre nos dias 15 de dezembro nunca mencionaram o nome Almanaque. Encontrei as edições de 1941 (130 páginas), 1942 (146 páginas), 1944 (100 páginas), 1945 (68 páginas), 1946 (68 páginas) e 1947 (100 páginas).

O ano de 1943 quebrou a sequência, não sendo editado, imagino que não saiu em decorrência da Guerra, pois estava em sua trágica plenitude.

JOSÉ AUGUSTO PIRES

Lisboa – Portugal

Os dois últimos volumes de **O Caminho do Oriente** estão ambos concluídos e o quinto sairá ainda este mês. Mesmo que me aconteça algo de funesto, o sexto volume já está em poder do João Mimos para o mandar imprimir na altura certa. E **A Torre de D. Ramires** também! Estou agora trabalhando em mais uma obra de ETCoelho, de um conto de Eça de Queiroz, *O Defunto*, que na minha edição se chamará **O Cerro dos Enforcados**, que acho mais apelativo. Por aqui há duas editoras (Gradiva e Âncora) interessadas em fazer edição comercial da versão colorida. Se souber de alguma editora brasileira que se queira associar ou queira fazer edição própria (o texto está em Português de 1947, como sabe), poderei fornecer todo o material.



E. FIGUEIREDO

São Paulo – SP

Recebi o **QI 162** juntamente com o suplemento. Agradeço por inserir o meu conto ‘Um Sonho Alcançado’. A matéria do suplemento, ‘As Mulheres da Selva’, está excelente! No **QI** em si, muito boa a abordagem do confrade Alex Sampaio na crônica sobre erros nas adaptações dos quadrinhos no cinema. Junto com os recortes, estou anexando uma crônica para sua apreciação.

HENRIQUE MAGALHÃES

João Pessoa – PB

Os Correios têm sido bem bandidos mesmo, já quase não faço edições impressas para não ter que depender deles. Além do preço abusivo, o atraso, o extravio, a quase obrigatoriedade de fazer os envios como carta registrada para se ter alguma garantia. Um desmando que envergonha o serviço público, tão necessário.

Acho uma boa ideia você fazer o suplemento **Shima no QI** em versão digital, é uma proposta nova e podemos investir nisso para ver a receptividade do público. Acho que o próprio **QI** digital tem proporcionado um bom acesso do público. Vamos experimentar.

Descobri que não tenho mais os arquivos da edição do Calvo, devo ter apagado inadvertidamente mexendo no computador. Então, digitalizei o único exemplar que tenho para fazer nova edição. Inicialmente pensei em retomar a edição impressa, mas no formatinho (14x20cm), contudo tenho me dedicado a fazer uma edição digital com sumário e barra de navegação, como as publicações que tenho feito. O que acha?

Em paralelo às edições – que andam bem aceleradas – , tenho refeito um projeto acadêmico independente que venho pensando há alguns anos. Na versão atual do projeto – que ainda é uma minuta para discussão – , proponho a criação de um programa de pós-graduação lato senso em Especialização e outro que denominei “Livro saber”, algo como um pós-doutorado, ambos voltados para os quadrinhos, fanzines e mídias digitais.

Henrique fez a edição digital de Calvo e colocou no site da Marca de Fantasia. Um dos leitores, Luis Hermano Caldeira Spalding, que já foi leitor do PSIU, leu e mandou o seguinte comentário:

“Henrique, Este Calvo é genial. Nota 10. Parabéns aos autores e obrigador por editá-lo.”

Edgard, estou contente por lançar novamente **Calvo**, que tanto gosto. Já foram feitos 38 acessos em poucas horas, quando for evoluindo, vou lhe informando.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

Campinas – SP

Os Correios continuam com a habitual lentidão, mas parece que a empresa ainda não foi contaminada pelo tal coronavírus.

Alguns comentários. Em ‘Fuçando à Toa’, você menciona o fato de quadrinhos europeus e americanos, ao abordarem a América do Sul, sempre o fazem com o espanhol, seja lá qual for o país, real ou fictício. Há um detalhe que mostra como a América Latina é desconhecida pelo chamado Primeiro Mundo. Frequentemente vemos nesse material americano ou europeu, tramas tendo como cenário essa América abaixo do México. É comum criarem países que nunca existiram nessas duas Américas. O caso de Buz Sawyer de Roy Crane é um típico exemplo disso. Muitas aventuras tiveram como cenário um país chamado Panazuela (certamente mistura de Panamá e Venezuela). Foram histórias muito boas, mas reveladoras da política intervencionista americana. Modesty Blaise também atuou em países fictícios. No último conto de Peter O’Donnell, ‘Cobra Trap’, Modesty e William Garvin morrem em um pequeno país chamado Montelero, que O’Donnell situou entre a Colômbia e o Panamá. Para que inventar? Por que não colocar a ação num dos dois países reais? Para não melindrar seus governos? Como os Simpsons fizeram quando vieram ao Rio e mostraram as suas mazelas?

Muito bom o encarte com as mulheres da selva. Nos velhos tempos, lá na já longínqua década de 1950, quando ainda moleque, eu pouco ligava para os super-heróis. Meus gibis favoritos eram os de faroeste e as revistas da Ebal com material da Fiction House. Sempre achei a Fiction House uma editora negligenciada pelos historiadores e outros teóricos, que parecem encontrar valores nos comic books do passado apenas no material com super-heróis. Um grande erro, pois a Fiction House tinha excelentes desenhistas, escritores e personagens. A editora, com suas belas mulheres usando pouca roupa, e sensuais, tornou-se um pesadelo para aquele psiquiatra matusalém chamado Fredric Wertham, o autor do livro **Seduction of the Innocent**, que tantos malefícios trouxe à criatividade nas histórias em quadrinhos.

Algumas publicações da Ebal mostradas no encarte, como **Juvenil Mensal**, **Minha Revistinha**, com material da Fiction House, eu nunca comprei, pois pelo formato já sabia que era tudo material remontado e adulterado. No entanto, os primeiros quatro números (ou cinco, não me lembro) de **Super X Selva** trouxeram material inédito da Fiction House. E sem adulterações. Ou a Ebal havia deixado essas histórias engavetadas e esquecidas na década de 1950, ou então a própria agência distribuidora foi quem fez isso.

Aquele livro publicado em 2017, **Fiction House from Pulps to Panels from Jungle to Space**, nos dá um bom exemplo da excelência que foi a editora. Ele poderia trazer mais, porém acho que faltou espaço. A editora merecia outro volume.

Muito bom o seu achado de que a “Super X Selva” tenha trazido material que a Ebal não havia publicado antes. É algo muito estranho. Certamente as histórias estavam com a Ebal desde a década de 1950. Mas ainda assim é curioso, pois o Aizen, quando republicava as coisas, usava os fotolitos já prontos (ou melhor, as chapas já gravadas) para ficar barato. Talvez na década de 1980, as máquinas de impressão já fossem outras e não dava para usar as chapas das revistas antigas.

Quanto à criação de países fictícios, acho que a principal razão é não precisar pesquisar sobre um país real. Se você inventa um, ninguém pode reclamar se você cometer algum erro de fauna, flora, usos e costumes. O Hergé é um caso sintomático. No álbum “Lótus Azul”, ele pôs o conflito entre China e Japão, tomando as dores da China. Levou bordoada da embaixada do Japão na Bélgica. Não cedeu. Depois, na “Ilha Negra”, passada na Escócia, recebeu reclamações dos escoceses pela falta de veracidade numa grande quantidade de detalhes. Um deles foi no xadrez do saioite escocês que o Tintin resolveu usar. O Hergé desenhou o xadrez de qualquer jeito, mas existe toda uma convenção para fazer cada padrão de xadrez de cada clã. Hergé mandou o Jacobs para a Escócia para ver como era o certo e redesenhou a aventura. Acho que em alguns casos, como nas aventuras na América Latina e no leste europeu, ele não quis arriscar e inventou os países. Mas em outros ele usou países reais como o Tibete ou o voo para Sidney, que nunca chegou lá.

ALEX SAMPAIO

Salvador – BA

Em mãos o **QI 162**. É sempre bem vindo. Até que não demorou para chegar pelo que percebi na data do carimbo do correio.

O encarte engrandeceu muito a edição. O Carlos Gonçalves nos presenteou com um brilhante texto em ‘As Mulheres da Selva’. Muito bem escrito, com uma linguagem clara e objetiva. Gostei muito! Ainda sobre esse número, o Quiof Thrul foi sensacional nas suas considerações. O ‘Fórum’ fica mais rico com seus textos. Percebe-se uma profundidade grande nas suas pesquisas sobre o tema. Detalhes interessantíssimos. Tanto quanto o Quiof, o Rod Tigre também está de parabéns. Suas considerações são bem embasadas, já antes de tudo, trata-se de um pesquisador sobre Quadrinhos. Isso demonstra firmeza no tema. Muito bom!

Enfim, cheguei no seu texto sobre o evento de Araxá. Percebi que, apesar de todo contratempo, você ficou satisfeito com o encontro. Vejo que só a presença, mesmo que tardia, do Shimamoto, foi engrandecedora.

Em tempo: meu CEP agora é 40230-113.

ALEXANDRE FONTOURA DOEPPRE

São Leopoldo – RS

Acuso o recebimento do **QI 162**. Muito obrigado pelo exemplar e pela divulgação do **Profecia** e do **Quadrante Sul**. Sobre o **Profecia**, na verdade o zine pertence ao Jerry Souza, que o publica desde 1992. Eu entrei como editor de arte ano passado, após o fim do **Quadrante Sul** (o número 10 foi o último).

WAGNER TEIXEIRA

Rio de Janeiro – RJ

Montei aqui uma das minhas HQs doidas e pensei, peraí, acho que essa ficaria interessante no **QI**. Porque, como o **QI** atualmente tem a tradicional versão impressa p&b e também a versão colorida digital, este contraste transmitiria de forma perfeita o efeito que imaginei pra essa HQ. A mesma, mas ao mesmo tempo diferente nos dois formatos. Dá uma sacada se acha interessante.

Penso em fazer o seguinte, publico em duas páginas, frente e verso, na primeira a página colorida e no verso a página p&b. Para a primeira, penso em fazê-la colorida. Poderia imprimir somente esta página na impressora jato de tinta colorida. Isso dá um pouco mais de trabalho, pois é muito lenta e a tinta é mais cara, mas como não há muito fundo colorido, então não gasta muita tinta. Outra solução é imprimir em preto e branco e eu fazer o retoque colorido com caneta piloto em cada página.

Na verdade, eu havia pensado nela impressa toda em p&b mesmo. Para o leitor ter um choque: como assim, cores? Vermelho, verde, azul, cadê? E então sacar que não tem cor porque a impressão foi p&b, como as próprias cores comentaram. E na edição digital tariam as cores originais, provocando uma surpresa para quem visse as duas versões. Mas como tu pensou muito bem, ela pode ser impressa de várias maneiras diferentes. Nem pensei na impressão colorida para não te trazer custos ou trabalho. Mas, sem dúvida, com cores na primeira página e p&b na segunda, também provoca o efeito imaginado. Então, meu caro, pode aproveitar da forma que for melhor para você, qualquer dessas possibilidades tá valendo.

JOSÉ RUY

Amadora – Portugal

Venho saber como se encontra de saúde e desejar que o trabalho decorra bem, nesta catástrofe que se abateu sobre a humanidade.

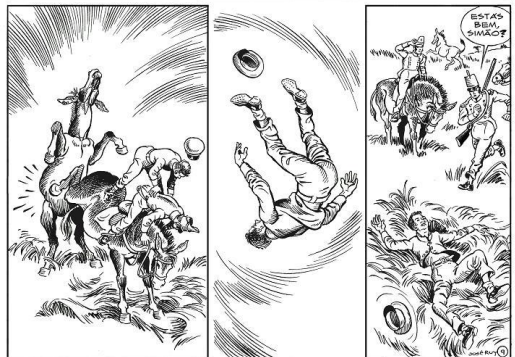
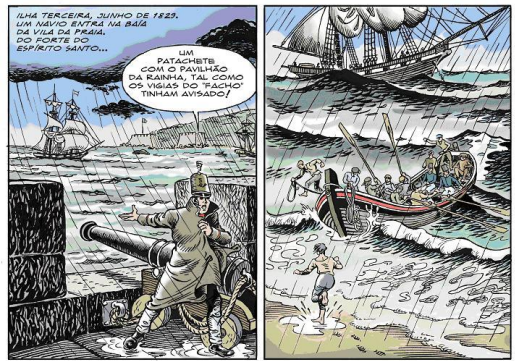
Tenho acompanhado a evolução da pandemia no Brasil. Por aqui vamos escapando com todos os cuidados, máscara, luvas, não entrar em casa com os sapatos que foram à rua, logo no regresso lavar muito bem as mãos ainda enluvadas, desinfetar tudo quanto se comprou no supermercado, como peças de frutas, embalagens, legumes, etc. Respeitar as distâncias, mesmo que o próximo não o faça, pois há ainda muita gente despassarada que não tem cuidado. Temos em Portugal, mesmo assim, conseguido limitar os casos de infeção e óbito, em relação ao resto do mundo. Desejo que esteja bem, tal como todos os seus.

Aqui no Brasil, em alguns lugares, a situação ainda é bastante ruim, com um número crescente de mortes. No estado em que moro, Minas Gerais, por algum motivo, o governo tomou medidas logo no início e a situação não é ruim. Eu moro em cidade pequena e até há duas semanas não havia um único caso. Aí um desavisado veio do Rio de Janeiro, deu um churrasco e infectou uma turma. Felizmente, a doença não propagou.

Eu já lhe enviei este ano os dois números do “QI” que saíram, o 161 e o 162. Como os Correios andam muito imprevisíveis, não dá para saber se tomaram o rumo certo.

Bom saber que está tudo bem. Muito obrigado antecipadamente pelos fanzines, direi algo logo que receba.

Agora estou a fazer uma história sobre a ilha Terceira, Açores. Consegui estar lá em novembro de 2019 e fevereiro de 2020 a colher elementos. Foi à justa, pois regressei a casa a 1 de março e logo a seguir começou a quarentena. Agora desenvolvo a história e vou enviando pela Net. Será editada em novembro de 2020. Junto duas pranchas para apreciar, a primeira e a nona.



Chegaram agora os **QIs** 161 e 162. Um vem com carimbo de Brazópolis de 20 de março e o outro de 5 de maio, mas chegaram os dois juntos.

Nestes dois números, há a inovação de jogar às escondidas com o **QI**. No 161, número capicua, anda nos olhos de água onde o sarfista de máscara e usando esta para navegar, se movimenta. Bela ideia.

Pegando na deixa das datas em que o ano se inicia em diversas localidades, posso chegar à conclusão de que o ano começa quando sai um novo número do **QI**. E acaba quando o terminamos de ler e observar. O ano gráfico, claro.

Sem encarte, mas cheio de interesse.

Achei oportuna a dúvida de Júlio Shimamoto ao questionar-se se “personagem” é feminino ou masculino. Embora em alguns dicionários da língua portuguesa já aceitem que pode ser dos dois gêneros, consultando especialistas, sei que é FEMININO.

O Carlos Gonçalves é um precioso colaborador do **QI** e os seus artigos têm sempre muito interesse. Ele é um colecionador compulsivo e tem muito material, é talvez o nosso maior nessa área em Portugal, e tem o mérito de poder usar esse acervo rapidamente, pois tem tudo catalogado. Por exemplo, o nosso saudoso Jorge Magalhães, que tinha uma poderosa coleção de revistas, tinha tudo tão entulhado que, quando queria escrever algo sobre um tema que tinha em casa, preferia ir comprar outro exemplar pois era-lhe impossível encontrar o guardado. Número muito bom, terminando na contracapa com uma promoção. Também para o **QI**.

O número 162 está em cheio. Continua o **QI** escondido... com cauda de fora, codificado e formando o próprio Edgard na sua melhor forma preenchendo a capa. Palavras cruzadas? Não, números cruzados. Genial.

Muito interessante o artigo de Alex Sampaio, sobre as diferenças entre as HQs adaptadas para o Cinema. É que o leitor idealiza à sua maneira o comportamento das personagens e depois acha que não correspondem de uma maneira geral ao que aparece no grande ou pequeno ecrã. Um amigo meu contou-me que ouviu um comentário de um leitor do Tintin, desgostoso com o filme feito com atores verdadeiros. E dizia que a voz do Capitão Haddock não era aquela. As HQs têm essa particularidade, de cada um absorver as histórias conforme a sua sensibilidade e entrosá-las no seu imaginário.

Realmente a exposição com trabalhos meus em retrospectiva, que se encontra na Casa da Cultura de Beja, esteve fechada, como tudo, durante uma prudente quarentena, mas já reabriu. O Festival é que ficou adiado para 2021. Este vai ser um “ano zero” e vai depender de TODOS nós em relação ao nosso comportamento quanto às medidas de segurança, para que os próximos sejam anos bons. Pelo menos, projetos temos.

Fortíssimo abraço atlântico, muita vida para o **QI** com a continuação dos êxitos alcançados.

Folgo em saber que os “QI”s chegaram apesar da demora. No Brasil, os Correios já foram considerados a empresa mais confiável do país, em décadas passadas. E também mais eficiente. A carta simples demorava 2 dias para chegar a qualquer região do Brasil. Hoje, o “QI”, que é mandado como carta simples, demora até um mês para regiões bem próximas e mais de 2 meses para as regiões mais distantes. E não é culpa de pandemia, pois já estava assim antes.

Os números atuais do “QI” já têm uma versão digital disponível na internet, no sítio do Henrique Magalhães, o Marca de Fantasia. Eu não aprecio muito os trabalhos digitais por causa da baixa durabilidade; sites e blogues, formatos de arquivo e tipos de computador duram muito menos do que uma edição impressa. Mas, pelo menos, é uma opção, caso os correios tornem inviável a comunicação dos objetos físicos.

Pelos textos do Carlos Gonçalves, vi que ele usa a palavra “personagem” no feminino. Eu mantenho assim na hora de diagramar o encarte, embora no Brasil seja usada predominantemente no masculino. Eu só mudo alguma coisa quando o termo usado por Carlos não seja compreensível ou tenha outra conotação no Brasil.

ROSEMÁRIO SOUZA
Uberlândia – MG

Recebi os **QIs** 161 e 162, assim como o excelente encarte sobre as Mulheres da Selva, de Carlos Gonçalves, com colaboração sua. Grato pelo envio e pela divulgação generosa dos trabalhos do Estúdio Casario. Gostaria de comunicar um equívoco na divulgação dos cartões postais na edição 162: colaboramos com um postal, porém estes não são uma produção do Estúdio Casario, mas sim do Guia Pontos de Vista, uma produtora cultural daqui de Uberlândia, que também divulga os eventos e produções culturais da cidade e região através das redes sociais www.guiapontodevista.com.br e [@guiapontodevista](https://www.instagram.com/guiapontodevista). Assumo toda a culpa por este equívoco, visto que apenas enviei os postais, sem deixar especificada a produtora.

CARLOS GONÇALVES
Lisboa – Portugal

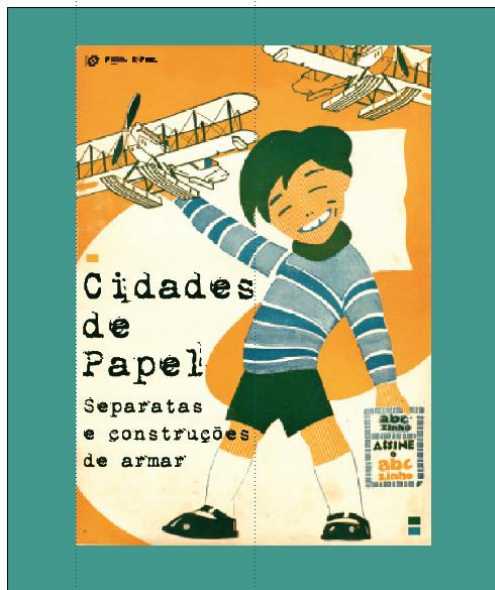
Ainda bem que para si está bem o artigo (para um próximo encarte). Vai-lhe dar trabalho... Ainda não recebi nem o pacote nem os **QIs** 161 e 162 e o encarte.

Eu tenho digitalizado, para quem estiver interessado, algumas capas das antigas coleções policiais tão célebres, dos detetives privados. Lembrou-me de as enviar como recordação. Não tenho todas, é claro.

O Brasil foi pródigo na publicação de revistas policiais, todas elas com lindas capas: **X-9**, **Sherlock**, **Suspense**, **Meia-Noite**, **Policial em Revista**, **Detetive**, etc. A maior parte delas foi vendida em Portugal, com exceção do **X-9** dos nºs 1 ao 100. Era um período da Segunda Guerra Mundial, pelo que é natural que se verificassem problemas aduaneiros... estamos a voltar a essas situações, pois os atrasos nas expedições são enormes, quando não se perdem os pacotes, como muito excepcionalmente aconteceu agora pela primeira vez em mais de 10 anos...

Mais à frente, uma seleção de capas enviadas por Carlos.

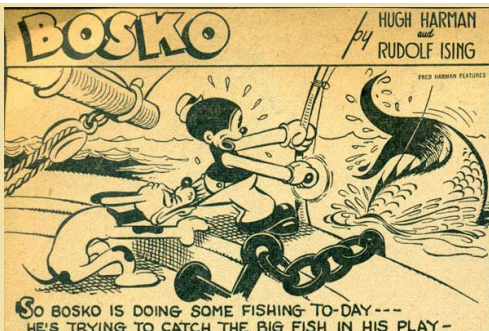
Há muito que o Clube Português de Banda Desenhada tentava fazer uma exposição sobre as Separatas e Construções de Armar, sem a concretizar. Muitos colecionadores de Banda Desenhada nem sequer fazem uma pádua ideia, às vezes, das centenas de objetos que se podem criar, através de uma folha de papel oferecida como brinde para quem compra um número de qualquer revista. Estamos certos que será uma visita interessante.



Eu já tinha visto o conceito de ‘palavra-valise’, que o Francisco Dourado comentou, em ‘rockabilly’, por exemplo, formada pelas palavras ‘rock’ e ‘hillbilly’ (um equivalente gringo ao caipira brasileiro), mas não tinha pensado no caso do Fikom do Ikoma.

Muitas obras colocam a América Latina como totalmente hispânica. No TV Tropes, existe o conceito de ‘spexico’, que é ainda mais bagunçado, já que une elementos da Espanha e do México. O Zorro cai nesse tropo. Certa vez, o Júlio Shimamoto mencionou que era comum ocidentais mostrarem o Japão com elementos da Coreia ou da China. O tropo é simplesmente conhecido Far East, ou seja, Extremo Oriente.

Um outro cão parecido com o Pluto que achei no Lambiek, com o personagem Bosko, criado por Hugh Harman e Rudolf Ising, que teve curtas na MGM e na Warner. A arte é do Win Smith. Todos os três trabalharam com Disney e Ub Iwerks.



Pois é, no caso do Capitão Atlas/Capitão Aza, é complicado pesquisar, os jornais não cobriam tudo, aparece uma coisa em um, outra em outro, mas nenhum dos que eu procurei tinha datas de estreia. Pêrciles do Amaral tinha tino por marketing. **O Vingador** (inspirado no Lone Ranger) era um programa de rádio patrocinado pela Palmolive e tinha um jornalzinho com quadrinhos pelo Fernando Dias da Silva (1920-2012) e era transmitido em várias rádios do país. Ele já tinha o Clube do Vingador.

Sobre o suplemento ‘As Mulheres da Selva’, o termo ‘tarzana’ também é usado para definir a contraparte feminina dos ‘tarzanides’. Curiosamente, Tarzana é o nome de uma região em Los Angeles, nome inspirado em Tarzan.

A Nyoka surgiu como uma ousadia da Republic Pictures, ela se associou ao Edgar Rice Burroughs e usou o título **Jungle Girl** (antes teve os **The Dancing Girl of the Leper King** e **The Land of Hidden Men** nas revistas pulp), dando a entender que era inspirada no livro de mesmo nome, mas esse tratava de uma princesa do Camboja chamada Fou-Tan. Abaixo, Fou-Tan por Roy G. Krenkel.



Só em 2014 ela ganhou webtiras com roteiros de Martin Powell e desenhos de Will Meugniet. O termo ‘jungle girl’ acabou popularizando para definir essas mulheres selvagens. Abaixo, à direita, curioso pôster dinamarquês da Nyoka vestida como uma tarzana tradicional.



A Nyoka sofreu um ‘reboot’ (ou uma reinicialização). No primeiro seriado, Nyoka era filha do Dr. John Meredith, já no segundo seriado, era Nyoka Gordon, filha do arqueólogo Henry Gordon. O cenário muda para um deserto árabe. Clayton Moore, o eterno Lone Ranger, aparece como Dr. Larry Grayson. Os quadrinhos começaram adaptando o segundo seriado, mas depois pegaram elementos do primeiro, colocando ela na selva. Aproveitando cenas de Nyoka, a Republic lançou **Panther Girl of the Kongo** (**A Mulher Pantera**, no Brasil), estrelado por Phyllis Coates como Jean Evans, a Mulher Pantera do título.

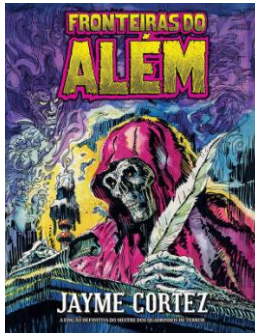
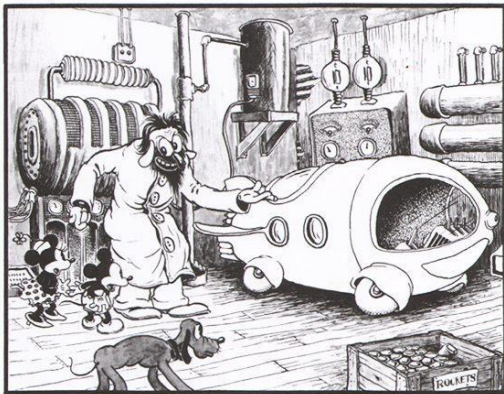
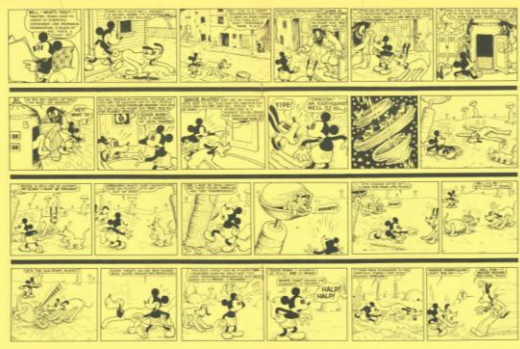
Foram duas Camilla da Fiction House, a primeira de origem nórdica, a segunda, em **Jungle Comics** n° 2, descendente de Gengis Khan (apesar de ainda ser loira e nenhum traço mongol aparente).

A Fantomah do Fletcher Hanks mudou. Era uma protetora da floresta, que virava uma figura grotesca, mudou para uma descendente de egípcios. O Fletcher Hanks não ficou muito tempo com ela, seu traço era muitas vezes estranho (como o Basil Wolverton e o H.G. Peter).



Ainda sobre o Basil Wolverton, esqueci do Mickey Mouse. Ele fez um teste nos anos 1940, onde foi recusado, os personagens parecem com os do Floyd Gottfredson, mas os alienígenas já denunciavam o estilo. Wolverton fez um anúncio, datado de 1936 para o filme **The Flying Fool**, estrelado por William Boyd, e o curta **Haunted House**, “estrelado” por Mickey Mouse.

A seguir, à esquerda, Fantomah, já no estilo tarzana, por Robert Poius. Mais à frente, o cartaz, o teste e uma ilustração de Mickey, feitos por Wolverton.

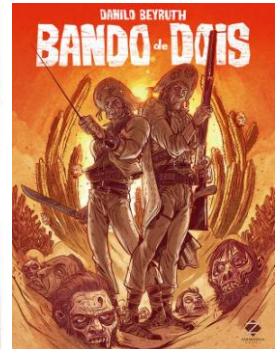
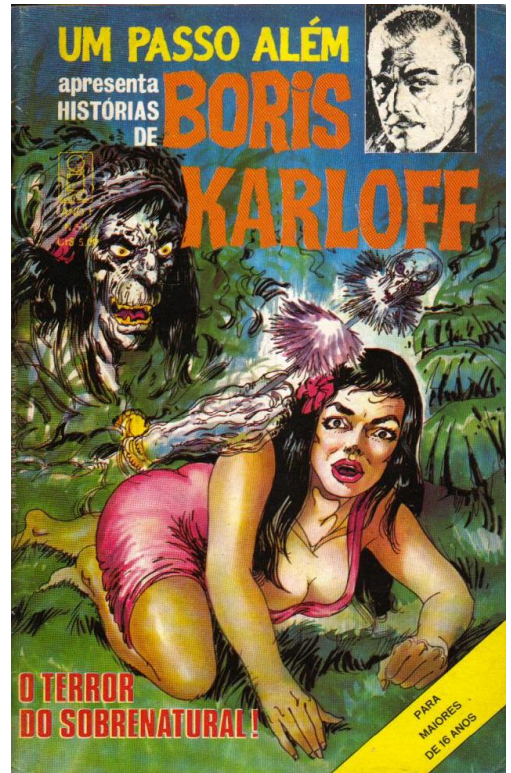


Mais um pro 'Mistério do Colecionismo'. Vi essa capa num anúncio de cordel da Prelúdio, não sei a origem, buscas por Billy Smart só mostram um artista que teve circo e parque de diversões.

O anúncio não diz que é revista de quadrinhos, é provável que seja livro de bolso com texto, não sei se a Prelúdio atuava nesse mercado.

Algumas novidades editoriais dos novos tempos, a editora Pipoca&Nanquim acaba de lançar uma coletânea de terror do Jayme Cortez intitulada **Fronteiras do Além**.

Curioso que a capa e contracapa desse livro trazem duas ilustrações que Cortez produziu para as capas dos n's 1 e 2 da revista "Um Passo Além" da Idéia Editorial, publicadas no início de 1976. Curioso porque são ilustrações belíssimas para uma revista no máximo mediana, ainda que trouxesse material da editora Gold Key, produzido por vários artistas de primeiro time. A revista durou apenas 6 números em formatinho e o n°4 trouxe também ilustração de Cortez, reproduzida abaixo como cortesia.



No campo do financiamento coletivo no Catarse, temos Blueberry de Jean-Michel Charlier e Moebius por Joan Sfar e Christophe Blain, lançado em 2019 pela Dargaud. A edição é de Rodrigo de Faria e Silva, por sua nova editora, Faria e Silva. O outro, uma reedição do **Bando de Dois** do Danilo Beyruth pela Zarabatana, dessa vez em cores, por Fabien Alquer, originalmente para a editora francesa EP Media (2016).

Oportuno o texto do Worney sobre a Culturama. Há pouco, a editora anunciou a volta da produção de histórias do Zé Carioca (que ainda tem uma produção na Holanda, mais parecida com as tiras originais, mas não foram muito publicadas pela Abril).

Seguem duas imagens, uma do portal do Leão Negro (www.leaonegro.com), onde tem duas HQs e contos para baixar gratuitamente, e a outra, um reflexo dos novos tempos.

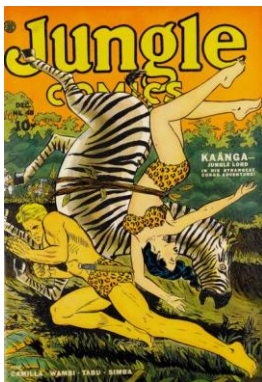
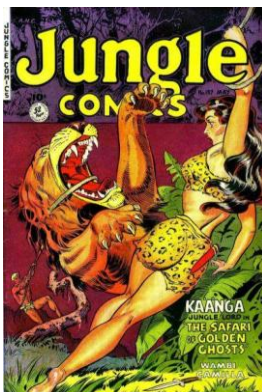


**NEM NOS MEUS SONHOS MAIS LOUCOS,
IMAGINEI QUE UM DIA, EU ENTRARIA
NUM BANCO, MASCARADO PRA
SACAR DINHEIRO !**



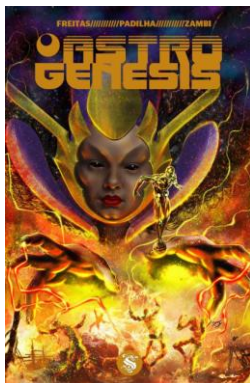
Você comentou sobre as diferenças da capa brasileira e da capa americana de Sheena, lembrei de uma capa da **Jungle Comics** n° 137 (maí/1951), que achei bem ousada. A Ann Mason, companheira do Kaanga, está destacada na capa, com o short cavado, com o herói no fundo da cena.

A figura de Ann Mason rapidamente passou a ter destaque nas capas de "Jungle Comics", já a partir do n° 7, provando que o biquíni é que vende revista. Embora em primeiro plano, quase sempre estava em perigo, esperando ser salva pelo herói. Na capa do n° 76 (abr/1946), mais uma ilustração provavelmente retocada com o auxílio de um matinho. Mas a capa do n° 48 (dez/1943) é que é a preferida dos ortopedistas.



O seriado **Jungle Girl** é de 1941, em 1942 lançaram o 'reboot' **Perils of Nyoka**. A Charlton assumiu vários títulos da Fawcett após o processo da National (atual DC) que dizia que Capitão Marvel era um plágio de Superman. Estranhamente, na Charlton, ela é loira e tem um visual moderno.

Outro projeto interessante no Catarse, **Astrogenesis** da Skript Editora, com roteiro de Douglas Freitas, arte de J. L. Padilha e cores de Sandro Zambi. A história fará parte de um universo de super-heróis da editora e mexe com o conceito da teoria dos antigos astronautas, sobre o suposto contato de seres humanos com alienígenas, milênios atrás, visto em obras como **Eternos** de Jack Kirby, os **Mitos de Cthullu** de H.P. Lovecraft e **Pabeyma** de Nelson Ciabattari y Cunha e Paulo Fukue.

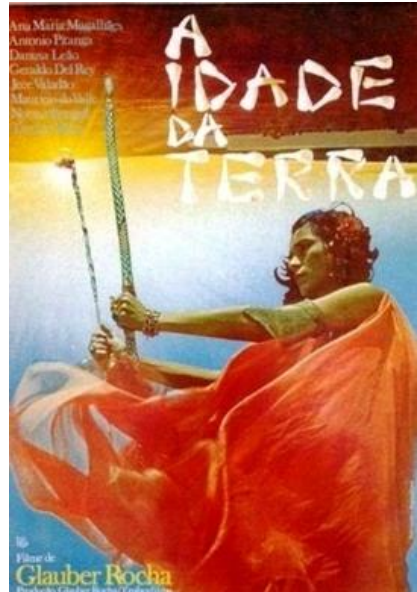


A origem do termo “Quadros ao Vivo” ou “Quadros Vivos” se origina no Teatro, então? As diferentes formas de arte sempre interagindo e servindo de inspiração uma para outra!

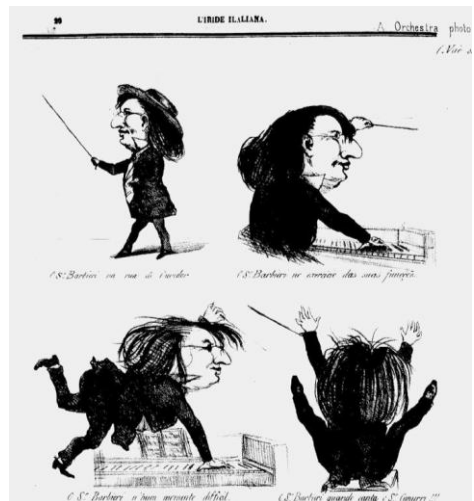
Mais sobre meu pai, Armando Azzari, que foi ator e diretor de teatro. Ele já foi ator em peças históricas dirigidas pelos maiores diretores de teatro do Brasil: Oduvaldo Vianna Filho (**Rasga Coração**), Antônio Abujamra (**Hamlet**), Emílio Di Biasi (**Boca de Ouro**) e Antunes Filho (**Bonitinha Mas Ordinária**). No cinema, trabalhou com Eduardo Escorel e Ricardo Bandeira. Na Globo, trabalhou no programa **Caso Verdade**, no episódio ‘Antonino da Rocha Marmo’. Sua principal peça na direção foi **Uma Estrela Clarice**, uma versão onírica e erótica de **A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector. Era colecionador de **Xuxá**, **Pequeno Xerife** e do **Pasquim**. Conheceu o Franco de Rosa quando a novela **Drácula, Uma História de Amor** foi transferida da TV Tupi, que faliu, para a TV Bandeirantes, e também o Walmir Amaral. Se tornou personagem de quadrinhos no jornal estudantil **Enfrente!**, de 1983, chamado Mestre Pó, porque ele gostava muito de ler e vivia enfiado em sebos e era professor universitário e uma liderança no meio estudantil. Foi o último investigado em São Paulo pelo DCI do governo militar de acordo com documentos do Arquivo Público do Estado, devido a uma palestra na qual “atacou o sistema governamental de forma injuriosa” na Faculdade Metodista, sendo demitido, o que causou uma greve dos alunos e a ocupação do prédio. Em São Paulo, no Shopping Pompeia, existe um cinema com uma sala de exibição com o nome dele, propriedade da atriz Julia Lemmertz, meu pai era amigo da mãe dela. Foi citado no livro do Paulo Betti da **Coleção Aplauso**, onde ele conta que meu pai deu um emprego para ele que foi muito importante para a carreira dele, pois meu pai também era ator e permitia que ele ensaiasse no escritório para as peças que fazia. Era amigo de muitos atores e atrizes consagrados da dramaturgia nacional, muitos que frequentaram minha casa na minha infância, que era um ponto de encontro de artistas do meio teatral em reuniões que meu pai promovia. Lembro do Paulo Autran, Raul Cortez, Walmor Chagas, Vera Fischer e seu marido na época, Perry Salles, Malu Mader, que na época era casada com Taumaturgo Ferreira, a Bruna Lombardi e o marido Carlos Alberto Riccelli, a atriz Giulina Gam, que era bem nova. Cartaz do filme **O Menino Arco-Íris**, com participação do meu pai, Armando Azzari.



Indico o último filme de Glauber Rocha, de 1980, **A Idade da Terra**. A Rainha Aurora Madalena, interpretada pela atriz e diretora de Cinema Ana Maria Magalhães, é uma deusa da América Latina, a pombajira prostituta cabocla virgem sagrada do Brasil, que tudo dará ao mais forte, autêntica e maior super-heróina do Cinema Nacional.



Voltando ao Sebastian Sisson, ele tem uma importância ainda maior do que a relatada, criou uma das primeiras personagens mascote de publicações, que se tornaram comuns nos periódicos brasileiros do século XIX e alguns ganharam até mesmo pioneiras histórias em quadrinhos (Dr. Semana, Pandokeu, Diabo Coxo, etc.): L'Iriade, também a primeira personagem feminina da arte gráfica nacional, que aparecia na **L'Iride Italiana**, folha dedicada aos imigrantes italianos, a partir do início da colaboração de Sisson no periódico, que já existia desde 1854, em 19 de outubro de 1855. Na mesma edição ele publica uma HQ satirizando o Maestro Barbieri, e podemos ver que influenciou visualmente o Dr. Semana, o mais famoso e longo personagem brasileiro do período gráfico imperial, criado pelo alemão radicado brasileiro Henrique Fleiuss em 1860.



CAPITÃO AZA em CAPTAIN UING

TEXTO E ILUSTRAÇÕES: BARTO LEFRANCO



UMA POTENCIA ESTRANHEIRA QUE DURELA O ANEXO A SELVA PERU ANTES UM PLANO BARRADO COM VISTAS A IMPOR SEUS DOMINIOS



FRANCISCO FILARDI

Rio de Janeiro – RJ

Como estão todos aí, em meio a essa pandemia? Espero que sua família esteja bem. Olhe, a remessa das edições de **Intervalo** só será normalizada quando as coisas derem uma melhorada por aqui. A agência mais próxima dos Correios fica no shopping, que está fechado por tempo indeterminado. Quase não estou saindo de casa. Tenho criança em casa, estamos todos receosos. Por isso também não estou arriscando. Recebi a edição 161 do **QI**, pelo que lhe agradeço.

Penso se não teria sido melhor interromper o "QI" também. Não tenho restrições para fazer a edição, imprimir e levar até o Correio. Na agência é dito que está tudo funcionando normalmente. Mas esqueceram de combinar com os russos. Porque a entrega da correspondência (que já não estava grande coisa) definitivamente não está normal. Prefiro pensar na melhor hipótese que é de apenas um atraso de dois meses. Mas não me livro da impressão de que parcela dos envelopes postados está destinada a não ser mesmo entregue.

PAULO JOUBERT ALVES

Belo Horizonte – MG

O primeiro número do **QI** de 2020 me chegou aqui, no olho do furacão do novo coronavírus. Corona, para mim, antes, só conhecia o Lauro, a ducha, a cantora dance dos anos 90 e uma das 8 doenças da vacina octupla de meu cão...

JOSÉ MENEZES

Petrópolis – RJ

Num momento de tantas dificuldades e tristezas, que estamos passando, foi com alegria que recebi o **QI** 162, sempre com informações e a justa homenagem que lhe foi prestada, pelos muitos anos dedicados aos quadrinhos.

O suplemento anexo sobre 'As Mulheres da Selva' é digno de elogios pela pesquisa realizada por Carlos Gonçalves e você, uma fonte perfeita para os estudiosos do gênero.

Quando na década de 30, surgiu Sheena, no traço de Eisner, abriu-se o caminho para as heroínas das selvas, lindas e sensuais em suas vestes sumárias e um atrativo novo nos Quadrinhos. Camila, Tigrana, Wanda, Janne e tantas outras beladões. Destaco Cave Girl de Powell, pouco divulgada entre nós. Esse feliz acontecimento determinou o surgimento de novos desenhistas e roteiristas de grande talento. Destaco principalmente Bob Lubbers com sua inesquecível Amazona dos Cabelos de Fogo, as mulheres que embelezaram Captain Wings e muitas outras que, anos mais tarde, levariam Lubbers a ser por longo tempo o desenhista das tiras e páginas dominicais de Tarzan, substituindo de forma perfeita o mestre Hogarth, que abandonara o herói, em litígio com o sindicato do personagem.

Clement Matt Baker foi, apesar de falecer aos trinta e poucos anos, o maior ilustrador no gênero. Tigrana, Camila, Wanda e principalmente Ginger (Sky Girl), uma garçone de aeroporto que, em grandes trapalhadas, mostrava de modo sensualíssimo a beleza de suas formas... Baker ainda desenhou mocinhas e bandidas tão sedutoras que o leitor ficava em dívida para quem torceria...

Matt Baker, apesar de curta carreira, produziu outras heroínas, como Phantom Lady, desconhecida no nosso país, e muitas outras beladões.

Em 1947, Aizen lançava em papel especial e impressão em rotogravura, e trazendo todas essas mulheres da selva, o **Herói**. Foi um sucesso! Ziraldo, em determinada época, comentou com oportunidade: "O **Herói** foi a **Playboy** da nossa adolescência!...

Em 1958, a Rio Gráfica tardiamente lançava na revista **Biriba-Shazam** as aventuras de Janne, a Princesa da Selva, com desenhos de Al Williamson, heroína de roupas bem comportadas, produto da censura da época, e Lorna, outra beladão, mas a revista não foi muito longe. O **Guri** adotou Nyoka, que, apesar da beleza de Frances Gilford no cinema, não teve nos quadrinhos bons desenhistas...

Acabo de receber o **QI** 161, com atraso de dois meses, eta Correio!!!

FRANCISCO DOURADO

Parnaíba – PI

Outro dia adquirir uma HQ em formato cheque com tirinhas de humor, como foi razoavelmente barato e o cara é de Minas, adquiri outra e pedi que lhe enviasse. São piadinhas do dia a dia de um leitorista da companhia de energia.

Recebi, muito obrigado, estou divulgando neste "QI".

Estou lendo o livro **O Império dos Gibis**, do Manoel de Souza e do Maurício Muniz, com mais de 500 páginas, leitura bem agradável e uma excelente pesquisa.

A novidade é a seguinte, o Francisco Acuarone fez uma quadrinização de **O Guarani** em 1937; o fato novo é que ele também fez (pelo menos iniciou) uma quadrinização do mesmo **O Guarani** em 1933, em **O Jornal** (RJ). A HQ foi continuada por Alceu Penna. Depois da edição nº 4451, os suplementos somem da Biblioteca Nacional. A página abaixo é do nº 4308.



A crônica do Alex Sampaio me fez lembrar a Cronologia Abril, realmente é um outro mundo o Cinema e muito difícil de agradar a todos. O Shima é uma figuraça, e aparecendo inesperadamente deve ser muito bacana. Lendo o Luigi, lembrei que a Pipoca&Nanquim tá lançando um encadernado com HQs de terror do Jayme Cortez, estão prometendo TODAS as HQs.

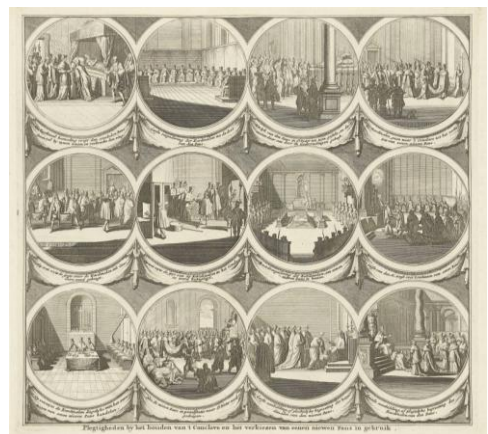
Carlos Gonçalves toca no ponto interessante, muitos não se conhecem pessoalmente no QI – eu, pelo menos, só conheço o Lancelott e o Flamarion (que é leitor bissexto). Difícil é não elogiar o Carlos Gonçalves, tanto pela produtividade quanto pela tenacidade. Aproveito para dizer que um 'bom' dele pra mim é ótimo. Essa **Mindinho**, gostaria que estivesse on line na Biblioteca Nacional.

O Rod fala do Sisson, o termo "quadros ao vivo" (com a variação "quadros vivos") era usada em peças teatrais, era um tipo de gênero de apresentação teatral, onde atores reproduziam algum quadro, famoso ou não, mais ou menos como hoje esses artistas de rua fazem nas praças, quando ficam parados feito estátuas. Sisson teria pego emprestada uma expressão do teatro para com isso, talvez, propor que a história dele poderia também ser encenada por atores.

A HQ 'O Namoro' do Sisson (em nenhuma outra HQ dele há o subtítulo 'Quadros ao Vivo') foi publicada na edição nº 8 de **O Brasil Ilustrado** com data do dia 15 de outubro de 1855, mas, devido à interrupção do jornal, os assinantes só o receberam em 22 de fevereiro de 1856, conforme foi noticiado no nº 52 de **Correio Mercantil** e no nº 58 de **Diário do Rio de Janeiro**, ambos de fevereiro de 1856.

O Gaspar Eli Severino fala dos tais 'Progressos' do Hogarth, gostaria de dizer que todos os quadros estão no livro **Imageria** do Rogério de Campos, o melhor livro atualmente sobre estudo da área, no que tange a quadros vivos antigos. Aproveito para fazer uma propaganda do meu blogue (<http://agaqueretro.blogspot.com>). Lá estou postando uma pequena cronologia da HQ – já cheguei no ano de 1817, daqui a pouco estou no Brasil.

Uma das HQs mais curiosas é essa de Mary Toft feita por um artista anônimo em 1726. Ela teria o curioso super-poder de criar coelhinhos, não fosse por ser uma famosa fake news daquela época.



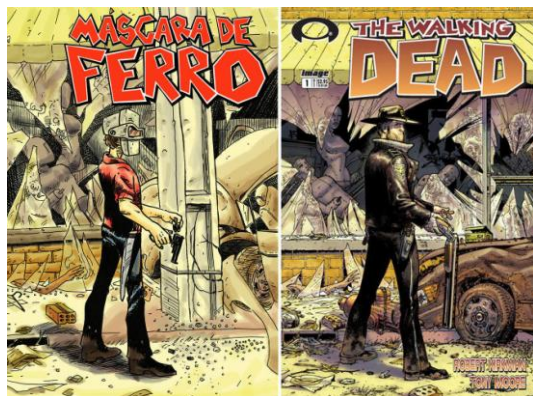
Tem também essa curiosa e bela HQ relatando como se escolheu um Papa (pode ser o relato da eleição de Clemente XI, que assumiu em 1700), feita pelo artista holandês Hendrik Elandt, aproximadamente em 1705.

O Quiof lembrou da morte do Daniel Azulay (muito do meu gosto por desenhar foi culpa do Daniel) e acabei por lembrar de um cara chamado Manuel Vitor de Azevedo Filho. Segue imagem de 1953 do suplemento do **Correio Paulistano**, ele provavelmente inspirou o criador da Turma do Lambe-Lambe.

A reportagem fala de um programa de TV em que Manoel Victor fazia desenhos, ao vivo, para uma plateia de crianças, ilustrando a história contada pelo narrador Eduardo Moreira.

Manoel Victor Filho destacou-se principalmente como ilustrador e professor de desenho. Foi um dos ilustradores dos livros do "Sítio do Picapau Amarelo". Fez poucas HQs. O Guia dos Quadrinhos menciona apenas duas adaptações de romance para a "Edição Maravilhosa" nº 101 (mar/1955), uma capa para "Epopéia" nº 31 (fev/1955) e uma HQ para "Aventura&Ficção" nº 19 (set/1989).

Segundo carona do Quiof, como ele deu dicas de quadrinhos independentes, temos no Catarse, o **Máscara de Ferro** do Bernardo Aurélio. Um anti-herói com toques de humor (na capa ele fez um swipe, ele gosta de swipes famosos).



Segundo o raciocínio de Rod, podemos dizer que o Dr. Semana (do Henrique Fleiuss) também é um super-herói, pois ele voava com um visual que antecedeu o Thor e o Namor, isso em 1868.



Ainda no mesmo raciocínio, vejamos que ele tinha o super-poder de se transformar em um pé de milho (década de 1860, salvo engano, traço de Agostini).

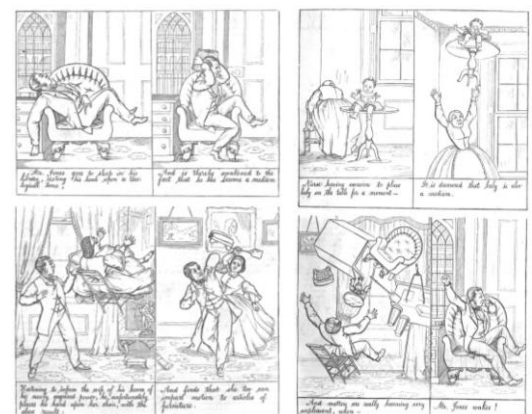


Catei essas casinhas antropomórficas no **Suplemento Burlesco ao Patriota** (Portugal, 1847), assinado por Cecília.



Já que essas casas nos trazem lembrança do Garoto Nemo, que tal essa HQ onírica que também lembra o trabalho de Winsor McCay. Saiu na **Harpers New Monthly Magazine** dos USA em 1861.

Nessa HQ, ainda que em sonho, o personagem e também o bebê possuem super-poderes.



Bom retorno do Worney, essa declaração gay talvez não passasse na censura interna da Abril, muito menos na da Disney de uns tempos atrás, creio eu. Bom trabalho da Culturama continuando o mundo Disney por aqui.

Reli o encarte do Carlos Gonçalves, um brinco mesmo. Essa tal **Jumbo Comics** lembra os almanques da Abril com coletâneas de HQs. Não conhecia muitas das heroínas elencadas, mas fiquei interessado em particular na Nyoka. Vale lembrar que muitas delas, salvo engano, não foram parar no livro do Ionaldo (lançado aqui pelo seu **QI**).

De fato, o livro do Ionaldo, “Mundo dos Quadrinhos”, não trouxe Tigrana, Wanda e Amazona dos Cabelos de Fogo. Trouxe Sheena, Camilla, Fantomah e Nyoka. O encarte que publiquei é um complemento ao livro do Ionaldo e acrescentou Luana (Ann Mason). Mas trouxe também outras 7 heroínas da Fiction House (Gale Allen, Patsy Pinup, Glory Forbes, Jane Martin, Connie Courtney e Señorita Rio), que não tinham a selva como palco de aventuras.

Como Rod afirma que Gustavo Barroso (vulgo João do Norte) é “o maior escritor do Brasil em números de livros publicados” (e eu sou totalmente ignorante quanto à obra dele) quero colocar na disputa o escritor brasileiro Ryoki Inoue que publicou pelo menos 1104 livros. Mas se a conta for muito grande, gostaria de puxar brasa pra minha sardinha, e citar o escritor parnaibano Francisco de Assis Almeida Brasil que já escreveu (e publicou) cerca de 132 livros.

Em algumas ocasiões em que fiquei exclusivamente por conta de escrever, mantive uma média de 10 páginas de texto por dia. Isso dá 70 páginas por semana, que é mais do que suficiente para fazer um livro de bolso popular (faroeste, detetive, suspense, etc.), que é o tipo de livro escrito por Ryoki Inoue. Ou seja, um livro por semana, como ele mesmo alardeava. O que dá 50 livros por ano. Para aposentar, tem que trabalhar no mínimo 40 anos, ou seja, 2000 livros. Se considerarmos, em vez de livros, a quantidade de laudas equivalentes, há um número incalculável de escritores profissionais que ultrapassam essa marca. Se considerarmos os roteiros de Quadrinhos, a marca é ainda maior. Roteiristas profissionais, em editora de esquema industrial, escrevem mais de 10 páginas de roteiro por dia.

Em relação a Gustavo Barroso, a questão parece ser de ele ter escrito uma grande quantidade de livros de não ficção, com uma certa consistência de conteúdo, o que, certamente é mais trabalho (e demorado) do que escrever romance popular.

A questão lembra uma pequena polêmica surgida em algum caderno “cultural” de algum jornal há algumas décadas. Alguém disse que John Wayne era recordista em número de filmes, com X atuações. Outro retrucou que, no Brasil, Wilson Grey havia participado de Y filmes, sendo que Y era bem maior que X. A tréplica foi que Wayne foi protagonista em filmes de produção mais demorada, enquanto Grey foi figurante, ponta ou ator secundário em produções feitas, muitas vezes, a toque de caixa. São coisas distintas, em que não cabem comparações.

Falando de Agostini, o primeiro trabalho dele em São Paulo, ao que tudo indica, foi em **Diabo Coxo**, com a colaboração de Huáscar Nicolás de Vergara. Na gravura publicada no nº 12 (último da primeira série da revista em 1864), deve ser o primeiro do lado direito na ponta do “lápiz”. Note o A de Agostini e o N de Nicolás.



Curiosidade, na edição de 15 de maio de 1869 de **Vida Fluminense** (poucos meses após a estreia de Nhô-Quim), Agostini – o traço é dele – iniciou essa outra série, mas ao que tudo indica não houve continuação, já seria um ensaio para Zé Caipora?



Já que você, Edgard, pergunta a possível origem do termo “história em quadrinhos” por essas bandas, vou começar dizendo que na Europa, o que nós conhecemos por “graphic novel” era chamado de “álbum Jabot” numa referência à primeira HQ publicada (publicada, não elaborada) por Töpffer. Ela fez tanto sucesso e se espalhou tão rapidamente pela Europa e USA (com casos de pirataria e tudo). O autor se referia aos seus álbuns como “histórias em estampas”. Bom, voltemos ao Brasil. Sisson teria cunhado o termo “quadros ao vivo” (que na verdade foi tomado de empréstimo do teatro), mas só usou o termo uma única vez, curiosamente. Agostini ou não usava nenhum título pras suas HQs ou usava um título da própria história e não do meio Quadrinho. Uma expressão usada por Agostini era “episódios...” seguido de algo (termo também usado por Nicolás Huáscar em **O Polichinelo**, de 1876). Teixeira da Rocha e Oscar Pederneiras também usaram o termo em **Vida Fluminense**, revista do final do século XIX. João Affonso, em **A Flecha**, do Maranhão, década de 1870, ou não usava título algum ou usava título da história. Alguns títulos que poderia ser de sessões de quadrinhos: “miudezas”, “vistas...”, “atualidades...”, “aventuras...”, “desenhos de...”, “ontem e hoje...”, “a história...”, “estudos...”, “efeitos...”, “histórias em vários capítulos” (essa epígrafe foi usada tanto em Nhô Quim de Agostini/Faria de 1869/72 quanto no remake/sátira de Nhô Quim de Pereira Netto/Bento Barboza, 1887/1888), “cenas...”, “miscelânea...”, “ecos da semana”, “impressões...”, “história sem texto”, “conto sem texto” (esses dois últimos em **O Mercúrio**), entre outros termos. J. Carlos às vezes usava a palavra “guignol” em títulos de HQs. Temos o “história em figuras” cunhado por Leonidas Freire (ou algum editor) em **O Tico-Tico**, em 1906. Temos “quadros mudos” no **Almanaque da Revista Infantil**, em 1924, e “recapitulação ilustrada” em **A Noite**.

O termo “história em quadrinhos” aparece em **O Jornal** (RJ) nº 4039, em 1932; **Jornal do Commercio** (RJ) nº 206, em 1935; **A Noite** (RJ) nº 9205, em 1937; e outras publicações na década de 1930. O termo “história de quadrinhos” aparece em **Diário da Noite** (RJ) nº 2860, em 1937; **Diário de Notícias** (RJ) nº 3886, em 1938, etc.

Se possível fosse ler todas as revistas certamente se encontraria uma data mais precisa, mas o fato é que, ao que tudo indica, a década de 1930 foi responsável pela consolidação da expressão “história em quadrinhos”, embora houvesse a variação “história de quadrinhos”.

Muito boa sua pesquisa sobre as expressões em várias publicações. A grande maioria dos termos não parece tentar designar uma forma de expressão, apenas são o título da história, um título genérico ou um título de coluna. Apenas o “história em estampas” de Töpffer e o “história em figuras” parecem designar uma forma de expressão. O termo “guignol” também vem do Teatro, era usado de forma debochada, como se os desenhos desengonçados representassem bonecos de marionetes.

EDGAR FRANCO DIVULGA

Estou enviando esse texto para você publicar em primeira mão, pois não encontrei nada dessa série em sites ou blogs.

A série de quadrinhos ‘Conquistadores do Espaço’ saiu no **Jornal do Dia**, fundado em 1947 pelo Sr. Armando Pereira da Câmara (10/11/1898-19/03/1975). Armando foi professor, reitor da Universidade de Porto Alegre, reitor da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Senador da República por um curto período. No site do Senado o nome dele é dado como Armando Pereira Correa da Câmara e as datas de nascimento e falecimento são diferentes.

Em 1952, no suplemento do jornal, na ‘Página Infantil – Direção do Tio Lucas’, surgiu ‘Conquistadores do Espaço’. Era domingo, dia 16 de novembro e a edição era a de número 1745. Em alguns números, essa página apareceu também nas terças e sábados, mas a maioria foi no domingo ou sábado.

O roteiro (ou argumento e direção, como estava escrito na tira) ficava por conta de Marcomiro Leite Filho (na tira estava creditado Marcomiro Jr.), pernambucano, nascido em 12 de junho, creio que em algum ano entre 1913 e 1918. Marcomiro era jornalista, fazia crônicas de cinema, era tradutor de colunas literárias e também de tiras estrangeiras e colaborou com o jornal até pelo menos 1961.

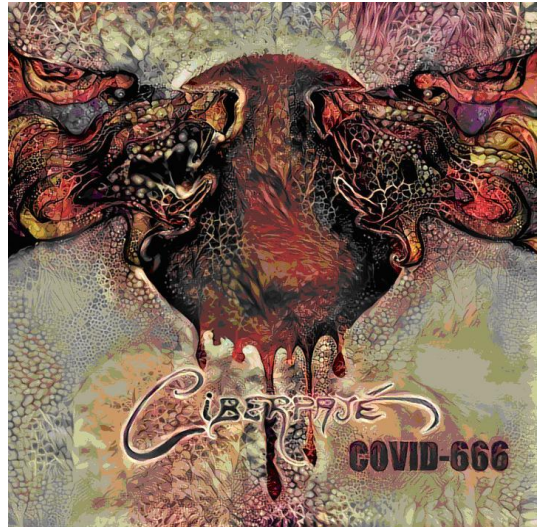
A arte da tira era obra de Adão F. Gonçalves, gaúcho, nascido aproximadamente em 1928. Foi contratado pelo jornal para fazer a tira, mas também fazia ilustrações para outras seções. Atuou também como cenógrafo.

A série começa apresentando o laboratório do Dr. Márcio César, graduado em uma tal Universidade de Estudos Cósmicos. O laboratório ficava em um ponto secreto do Brasil. Ele trabalha na construção de uma espaçonave chamada Centúria, que lembra um avião supersônico. O plano é chegar ao planeta Órbiton. A expedição conta com a presença de Tânia (co-piloto) e do cinegrafista Rui. Pelos cálculos iniciais, a chegada ao destino se dará em uma semana de voo. No decorrer da viagem, eles se deparam com um disco voador e o filmam. Param para manutenção em uma estação orbital construída pela mesma Universidade, fazem áudio-chamadas para se comunicarem com a Terra. Na estação, eles assistem à filmagem em câmara lenta e verificam que existem inscrições hieróglifas (ou algo semelhante) no casco do disco voador. Envia as imagens via rádio-foto para o nosso planeta e partem para o destino final. Aqui, programas de rádio e jornais noticiam o feito. Lá em Órbiton, constroem um posto avançado, mas pouco tempo depois são atacados por alienígenas humanoides... Inexplicavelmente a série é interrompida no nº 1895 de maio de 1953, ainda no capítulo 22. Não consegui localizar a continuação mesmo procurando por todo o ano de 1953. Abaixo, primeira e última tiras da série.



O nº 1768 do “Jornal do Dia”, de 14/12/1952, trouxe matéria sobre a série e seus autores, com várias informações interessantes. Tentarei reproduzi-la no próximo número. A matéria diz que o desenhista tinha influência de Alex Raymond, mas a influência maior parece ser de Dan Barry, que estreou uma nova série de tiras de ‘Flash Gordon’ em 19/11/1951.

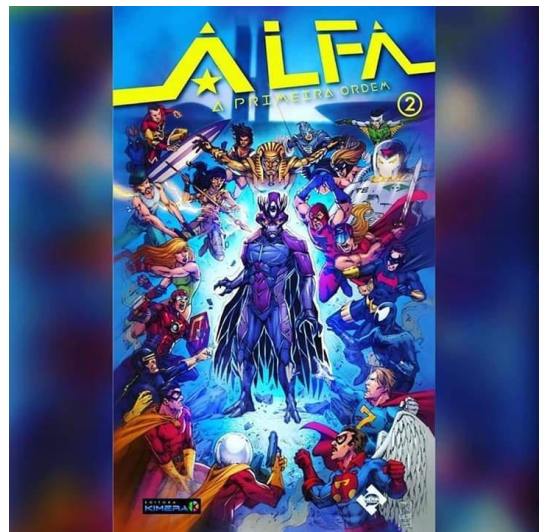
COVID-666 é o novo EP do projeto musical Ciberpajé. A parceria com o Death Cult Devotion – projeto witch house de Cuiabá – apresenta 3 faixas pungentes e densas: ‘Covid-666’ (Aforismo I), ‘Pútrido Rei’ (Aforismo II) e ‘Reconexão ou Nada’ (Aforismo III). Trata-se de uma FC hiper-real em 3 atos, uma alegoria da relação da humanidade com Gaia e o caso especial de nossa nação. O 666 do título refere-se à espécie humana como o seu próprio mal profundo sofrendo as consequências da devastação e completa desconexão de seus aspectos natural e animal. Saiba mais e ouça COVID-666 nesse link: <https://tinyurl.com/y792abts>.



ALFA – A PRIMEIRA ORDEM – PARTE 2

A parte final do maior crossover dos super-heróis brasileiros chegou! Preço: R\$ 20,00 + R\$ 10,00 de porte.

Contato: Lincoln Nery – jouventania1@gmail.com



EDSON RONTANI JÚNIOR

Piracicaba – SP

Gostaria de parabenizá-lo por tanta dedicação ao **QI** e mais, por manter viva esta chama que é o fanzine. Tenho lido todas as edições recebidas nos últimos anos. Leio do início ao fim. É um prazer o qual aguardo com muita ansiedade. Ir até o Correio, abrir a caixa postal e ver o envelope marrom escuro cheio de selo, postado com o maior carinho e dedicação. Gosto muito de todas as manifestações.

E foi lendo as manifestações que acabei viajando no tempo, igual ao que Marty McFly fez ao entrar na DeLorean em **De Volta para o Futuro**. Na verdade, a coleção aqui em casa do **QI** começou com meu pai. Ele já se foi há 23 anos e ainda hoje guardo toda a coleção, incluindo as edições que me chegaram.

Bom. O que me motivou a escrever isso foi uma recordação muito salutar para mim. Em 1965, meu pai, Edson Rontani, criou um boletim sem intenção alguma de ser considerado o primeiro fanzine do Brasil. Apareceu com o nome de **Ficção**. Falava sobre HQs, algo que ele gostava muito. Na infância, ele via as capas de revistas como **Mirim**, **Gibi** e outros nas bancas mas não tinha recursos financeiros para adquiri-las. Depois, as histórias dessas HQs foram levadas ao cinema através dos seriados da Republic, Columbia e tantas outras produtoras. Porém, o cinema é uma memória que você retém não fisicamente. Nos anos 1960, meu pai começou a colecionar quadrinhos, comprando de tudo o que você possa imaginar, inclusive coleções antigas e completas de **O Tico-Tico** e **O Lobinho**, ainda disponíveis das respectivas editoras. Imagine só!!!

No início dos anos 1980, eu tinha em casa uma única opção de diversão. A televisão preto e branco que ficava na cozinha de casa ou a colorida que ficava na sala, a qual era domínio da família como um todo. Aos sábados à tarde eu poderia ver o Bolinha (Edson Cury) na Bandeirantes, o Raul Gil na Record, clássicos inesquecíveis orquestrados na Cultura ou faroeste em preto e branco ou Chacrinha na Globo. Eram as únicas opções no interior de São Paulo!

Pensei: caramba, meu pai tem uma coleção de mais de 70 mil revistas de HQ em casa. Fui me dedicar à leitura. Porém, ainda não estava satisfeito. Tanto conhecimento e guardando apenas para mim tudo isso... Acabei me espelhando no pioneirismo de meu pai e criando jornais em mimeógrafo (o mesmo que ele utilizou para seus fanzines). Ia lá compor a diagramação no estêncil com máquina de escrever e algumas artes à mão... Algo ridículo se visto hoje. Enviava pelo correio, que ele e você fizeram/fazem. Nos meus 15 anos, ganhei de um tio, padrinho meu, uma Caloi 10, a "magrela". Pronto! A produção eu já tinha. Agora era possível dominar a logística! Assim lá ia eu aos sábados entregar o jornal mimeografado para parentes e amigos. Cheguei a cobrar assinaturas que eram feitas "para incentivar" a produção. Isso foi em 1982. Depois veio o xerox, mais acessível. Com a assinatura meus jornais passaram a ser feitos em preto e branco, sem o cheiro de álcool característico do mimeógrafo. Em 1984, fui trabalhar como sonoplasta da Rádio Difusora FM de Piracicaba, estudando à noite, passando frio no Tiro de Guerra... Enfim, aprendendo a viver. Aí parei com essa produção.

Continuei na comunicação radiofônica e impressa (jornal). Hoje faço jornais, revistas e sites como ganha pão principal e não tenho dúvidas que a brincadeira de criança me serviu como princípio para a vida e seu sustento.

Portanto, posso dizer, filho de fanzineiro, fanzineiro é!

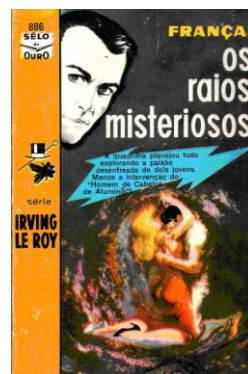
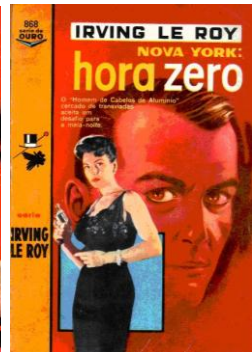
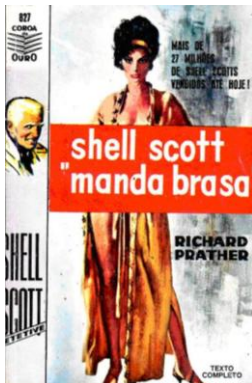
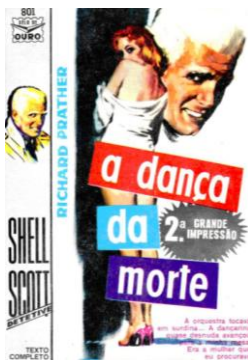
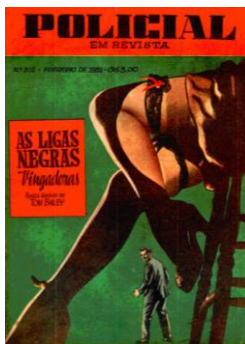
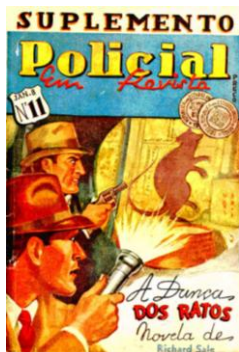
CARLOS GONÇALVES

Lisboa – Portugal

O Clube Português de Banda Desenhada inaugurou uma Exposição na Biblioteca Nacional que irá estar patente aos visitantes todos os dias até ao final do ano. Para dar uma pequena ideia da sua qualidade e beleza, incluímos fotos cedidas por António Martinó e João Manuel Mimoso. Nas fotos, temos um Zeppelin oferecido pelo **Senhor Doutor**; o Junquers de **O Mosquito**; o Hidroavião de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, uma oferta da revista **ABC-zinho** e da autoria de Cottinelli Telmo; e um terço do Cortejo Histórico (são mais duas vitrines) que possui 130 figuras incluindo 4 coches, oferecido pela revista **Senhor Doutor** em 52 folhas, de autoria de Jorge Costa.



ROMANCES POLICIAIS



EDIÇÕES INDEPEN DENTES

QUADRINHOS

AAAHHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos * n° 20 12 * mai/2020 * 53 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.

AAAHHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos * n° 20 13 * jun/2020 * 106 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.

AAAHHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos * n° 20 14 * jun/2020 * 79 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.



CALAFRIO * HQs de Sérgio Mhais e Juliano Kaopora, Alexandre Lobão e E.C. Nickel, Luiz Saidenberg, Paul Talbot, matérias, etc. * n° 66 * abr/2020 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 22,00 * **Daniel Saks** – R. Ademar de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistacalafrio@gmail.com.

CALAFRIO * HQs de Luiz Saidenberg, Gian Danton e Fábio Vermelho, Aurea Chu, Sid Castro, Ivan Lima, Eduardo Cardenas, texto de Luiz A. Sampaio * n° 67 * jun/2020 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 22,00 * **Daniel Saks** – R. Ademar de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistacalafrio@gmail.com.

CALVO * série de HQ, produção de Luigi Rocco e Edgard Guimarães * 2ª ed. * 2020 * 36 pág. * edição digital * a/c **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.

CARTUM * n° 138 * mai/2020 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

CARTUM GASPAR * história local com muito humor * n° 2 * abr/2020 * 24 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

CASTELO DE RECORDAÇÕES – Edição Extra * destaque para os quadrinhos ingleses no Brasil * n° 1 * ago/2020 * 22 pág. * A4 * **José Magnago** – R. Jerônimo Ribeiro, 440 (ant. 117) – B. Amarelo – Cachoeiro de Itapemirim – ES – 29304-377.



FANDAVENTURAS – O Caminho do Oriente * **Raul Correia e Eduardo Teixeira Coelho** * vol. 5 * jun/2020 * 64 pág. * A4 * color. * 20,00 + 9,80 euros * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

LEITOR VIP * n° 61 * abr/2020 * 16 pág. * A5 * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

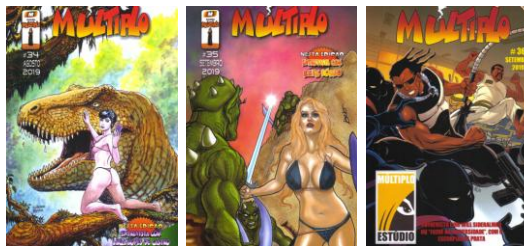
LEITOR VIP * n° 62 * mai/2020 * 16 pág. * A5 * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.



MÚLTIPLO * entrevistas com **Luga Lopes de Castro** e **Flávio Almeida** * n° 34 * ago/2019 * 88 pág. * A5 * color. * R\$ 51,59 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * entrevista com **Luiz Íório**, HQs, matérias, etc. * n° 35 * set/2019 * 80 pág. * A5 * color. * R\$ 50,16 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * entrevista com **Will Sideralman**, matérias, HQs, etc. * n° 36 * out/2019 * 76 pág. * A5 * color. * R\$ 49,21 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * entrevista com **Zilson Costa**, matérias, etc. * n° 37 * nov/2019 * 132 pág. * A5 * color. * R\$ 62,54 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de *Fantasticman, A Lenda das Guardiãs, e Exceção Hostil, matérias, etc.* * nº 38 * dez/2019 * 186 pág. * A5 * color. * R\$ 73,01 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de *Enemus e Agente Laranja, Fantasticman, Os Filhos do Dragão, e Lili – 9mm, matérias, etc.* * nº 39 * jan/2020 * 92 pág. * A5 * color. * R\$ 53,02 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * HQs de *Jou Ventania, Medalha Zero, e Cosmo* * nº 40 * fev/2020 * 72 pág. * A5 * color. * R\$ 48,26 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de *The Big Masters vs Os Vigilantes, e O Vigilante* * nº 41 * mar/2020 * 72 pág. * A5 * color. * R\$ 48,26 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de *Zilson Costa, Cícero Pinto e Valdecir Oliveira, destaque para fichas de heróis* * nº 42 * abr/2020 * 56 pág. * A5 * color. * R\$ 45,40 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * HQs de *Zilson Costa, Maurício Roselli, Sérgio Juncom e Aline Andrade, destaque para fichas de heróis* * nº 43 * mai/2020 * 52 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreacarim@outlook.com.

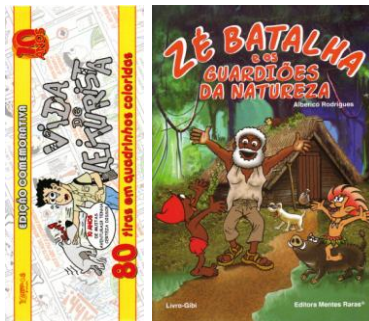
MÚLTIPLO * HQs de *Omar, Bruno Correa e Estevão M.V., Zilson Costa, destaque para fichas de heróis* * nº 44 * jun/2020 * 64 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreacarim@outlook.com.

MÚLTIPLO * HQs de *Agente Laranja por Cayman e Bira Dantas, e do Escorpião Amarelo por Isaac Maia e Renato Silva, fichas de heróis* * nº 45 * jun/2020 * 56 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreacarim@outlook.com.



VIDA DE LEITURISTA * edição comemorativa de 10 anos * 2020 * 90 pág. * 230x100mm * color. * **Karlo Campos** – karlo_campos@yahoo.com.br.

Zé Batalha e os Guardiões da Natureza * mistura de livro e gibi, texto de *Alberico Rodrigues, desenho de Getulio Delphim* * 2019 * 44 pág. * A5 * color. * **Alberico Rodrigues** – Praça Benedito Calixto, 159 – Pinheiros – São Paulo – SP – 05406-040.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * nº 211 * jun/2020 * 17 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 212 * jul/2020 * 17 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.



OUTROS ASSUNTOS

FILMES ANTIGOS * nº 20 * jun/2020 * 36 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FILMES ANTIGOS – EUROPA * nº 2 * jun/2020 * 36 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FILOSOPHCIZINE * trabalhos dos alunos de Filosofia do Colégio Castro Alves de Alvorada * nº 1 * 2020 * 4 pág. * versão digital gratuita * a/c **Denilson** – tchedenilson@gmail.com.



LITERATURA, POESIA e MÚSICA

CLUBE DO TONINHO * n° 2 * oferta de gibis * Antônio Luiz Ribeiro – alribeb@gmail.com.

O GARIMPO * n°s 178 e 179 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LETRAS DE BAR * n°s 27 e 29 * Cosme Custódio da Silva – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou reportagem do jornal Super Notícia ilustrada com HQ; folheto ilustrado Quem Me Libertará? da All Nations Gospel Publishers; HQ da Mônica sobre cuidados com os cães; anúncio da Net usando balões; mapa ilustrado do Metrô de São Paulo; catálogo de exposição de J. Carlos no Instituto Moreira Sales; revista ilustrada Cartilha da Água, do governo da Bahia; informe publicitário do parque aquático Wet'n'Wild apresentado pelo Cascão; folheto ilustrado Prevenção, Calma e Segurança, da Prefeitura de Santa Luzia; cartões telefônicos com cartuns e ilustrações da Telefônica, Telebrás, Brasil Telecom e CTBC.

CARD DA CAPA DO "QI" 163



78	66	55	45	36	28	21	15	10	6	3	1	0
91	79	67	56	46	37	29	22	16	11	7	4	2
103	92	80	68	57	47	38	30	23	17	12	8	5
114	104	93	81	69	58	48	39	31	24	18	13	9
124	115	105	94	82	70	59	49	40	32	25	19	14
133	125	116	106	95	83	71	60	50	41	33	26	20
141	134	126	117	107	96	84	72	61	51	42	34	27
148	142	135	127	118	108	97	85	73	62	52	43	35
154	149	143	136	128	119	109	98	86	74	63	53	44
159	155	150	144	137	129	120	110	99	87	75	64	54
160	156	151	145	138	130	121	111	100	88	76	65	
161	157	152	146	139	131	122	112	101	89	77		
162	158	153	147	140	132	123	113	102	90			
163												

FUÇANDO À TOA

Manuel Caldas acaba de lançar o segundo volume da coleção Cisco Kid, publicado em Portugal, mas em espanhol, pois é este mercado o maior consumidor de seus álbuns. Também espanhol é o blogue que divulga os lançamentos de Manuel Caldas: o bloguedelos300.

O álbum de Caldas é primoroso, arrisco dizer que ninguém mais no mundo faz o trabalho de restauração dos originais melhor que ele. A nitidez das imagens impressas é impressionante. Em Cisco Kid, por exemplo, é possível ver os bordados de sua camisa, coisa que em outras publicações se tornam um borrão só. E a imagem escolhida por Caldas para essa capa, em minha anacrônica opinião, é de uma beleza invulgar. Mas há controvérsias. Vejam o que disse a parte final do texto de divulgação no próprio blogue encarregado de anunciar os lançamentos de Caldas:

(Un pedido de disculpas por la portada: el dibujo es de 1950, una sombría epoca de dominio heteropatriarcal; se publica como documento histórico, pues hoy día ninguna mujer admite semejante y punible caricia machista y solo un desprezible facha puede pensar hacerla).



Acabei descobrindo a existência de um livro didático usando a Turma do Pererê, de Ziraldo, como tema. A página na internet da Gibiteca Escolar Helena Fonseca, da cidade de Leopoldina, MG, divulgou, em texto de 7/2/2011, o seguinte:

“Em breve será lançado o novo livro de Cristina Silveira. **A Turma do Pererê vai à Escola – Sugestões de Atividades Pedagógicas** ficou pronto. São sugestões de atividades pedagógicas usando os Almanques da Turma do Pererê, de Ziraldo, e feito a pedido dele, que deseja que os professores usem a Turma do Pererê em sala, despertando nos alunos o prazer e a alegria em aprender.”

E a página mostrava a capa a seguir à esquerda. Mas quando procurei para comprar, todos os sites tinham à venda somente o livro com a capa mostrada a seguir à direita. O que aconteceu? A editora inicialmente usou os personagens sem pedir? O Ziraldo pediu um troco em troca? A editora achou que era troça e não engoliu o troço?

O fato é que a Turma do Pererê foi banida da capa de um livro sobre... a Turma do Pererê. E internamente não há nenhuma ilustração.



No **QI** anterior eu mencionei o livro da coleção *Biblioteca Carl Barks*, **Tio Patinhas – Nadando em Dinheiro**, e a história *Em Busca do Ouro*. Como disse, uma história com um humor meio nervoso, resultado, talvez, dos problemas pessoais pelos quais Barks passava na época. Mas a sequência abaixo mostra outro tipo de humor, que, me parece, não era comum em Barks. Um jogo de malentendido bem sutil. Barks tinha, sim, costume de fazer humor periférico, à margem da história, normalmente nos quadros pendurados na parede. Nessa sequência há várias amostras disso. Em alguns casos, mais no começo da carreira, havia até doses de surrealismo, como as figuras se movimentando dentro dos quadros na parede. O auge desse humor não convencional, na minha apreciação, acontecia nas tramas paralelas de Lampadinha nas histórias de Professor Pardal.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

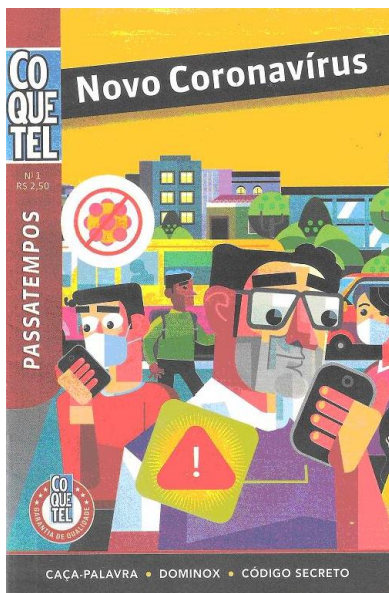
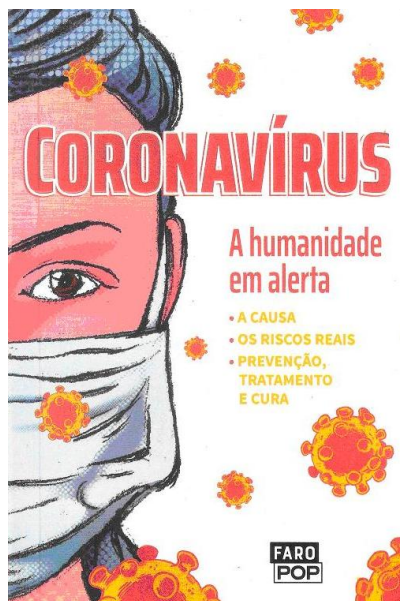
CORONAVÍRUS NAS BANCAS

As Histórias em Quadrinhos são um bom retrato das situações cotidianas, assim como os grandes acontecimentos sociais. Vamos mostrar como os Quadrinhos podem também ser um bom instrumento de informação.

Em tempos de coronavírus, as bancas de jornais estão atoladas de revistas e jornais acompanhando a pandemia. Uma grande avalanche de informações, opiniões, pesquisas e alguma desinformação. Mas será que os editores de entretenimento não perceberam esse novo assunto? Claro que sim! Pelo menos duas publicações foram para as bancas.

A primeira foi **Coronavírus** da editora Faro Editorial (13,5x20,5cm, 68 páginas, colorido, papel reciclado, lombada quadrada, R\$ 20,00), que saiu na primeira semana de março. Com boa produção editorial, o texto é assinado pelo professor, escritor e pesquisador de Quadrinhos Nobuyoshi Chinen. O livro informa sobre as origens, como é a transmissão mundial, como o Brasil deveria

estar preparado, as falsas notícias e as formas de prevenção. O livro comenta também outras epidemias que atingem o país como a dengue, zika, chikungunya, febre amarela e sarampo. Finaliza a edição com textos sobre alimentação e sobre doenças sexualmente transmissíveis. As ilustrações são do mestre Franco de Rosa (que participou da produção) e Michelle Rezende.



Já a Ediouro lançou uma revista de passatempos, pelo selo Coquetel, chamada **Novo Coronavírus 01** (13,5x20,5cm, 16 páginas, colorido, papel off set, lombada canoa, R\$ 2,50). Lançada na primeira semana de abril (com data de março), a revista traz caça-palavras, dominox, código secreto, jogo de erros, jogo de memória e outros, todos tendo como tema a doença. As ilustrações são geradas por computador e são assinadas pela equipe de Ediouro: Adriana Torres, Franconero Eleutério e Larissa Carvalho, com produção gráfica de Jorge Silva.

Já os Quadrinhos tiveram como tema a coronavírus através do quadrinhista Renato Machado. Com roteiros de João Arruda, Renato criou a HQ *As Aventuras da Vovoçaça*. A divertida personagem saiu no jornal **Extra**. Publicada no jornal carioca, a HQ saiu colorida na página 2. Começou com página inteira na terça-feira, no dia 31 de março de 2020, e foi de maneira sequenciada até o dia 5 de abril, domingo, também em página completa (os outros dias foi publicada em meia página), totalizando seis capítulos.

Vovoçaça é uma avó preocupada com o neto que está isolado em casa, desanimado. Ela resolve costurar uma fantasia de super-heróina para estimular o



menino. Assim, em cada dia, ela inventa uma brincadeira com coisas simples, para ele preencher o tempo. A família toda participa das brincadeiras e o isolamento social fica mais agradável. No capítulo final, até Raul Seixas participa lembrando a música **O Carimbador Maluco** (Plunct Plact Zum). Trabalho inspirado e bem realizado por Renato Machado. Ele é cartunista, quadrinhista e ilustrador do jornal, faz comentários diários sobre a situação nacional e também publica o **9 Erros** na página de passatempos do jornal. Renato também publica Histórias em Quadrinhos no jornal **Jogo Extra**, suplemento de futebol do diário. É dele uma série (roteiro de João Arruda) sobre o Flamengo: *10 Anos do Hexa*, quando o time carioca foi seis vezes campeão brasileiro de futebol.

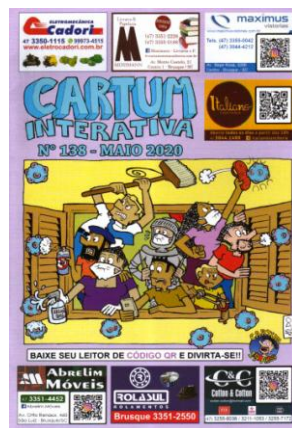
Bons exemplos de como publicar em papel um tema tão triste!

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

A FAMÍLIA DO PAFÚNCIO NA PANDEMIA

Sempre atualizado, Aldo Maes dos Anjos, criador da turma do Pafúncio e editor das revistas **Cartum** e **Leitor Vip**, mobilizou seus personagens para combater o covid 19. A edição 138, de maio, da **Cartum** (15,5x22,5cm, 24 páginas, colorido, papel couché, lombada canoa) tem duas HQs mostrando como a pandemia afeta a vida da família desde a avó Constance até o filho da Marinalva. *Faça a sua Parte* mostra como todos tiveram a rotina revirada, um bom retrato das agruras vivenciadas em todas as casas brasileiras, especialmente as que têm muitos moradores. A HQ vai até um futuro provável quando o normal terá voltado. A referência a um pássaro libertado da gaiola é muito feliz. *Tem que Mudar pra Valer* tem até a participação dos alienígenas verdes inspirando bons momentos, mesmo em tempos de incertezas. Aldo publica há 19 anos mensalmente a revista **Cartum**, com 3500 exemplares. A edição é financiada pelo comércio local e distribuída pela cidade de Brusque (SC). Aldo também desenvolve revistas sobre a história da cidade e de temas institucionais, sempre com um grande humor e uma afiada imaginação.

WAZ



POLICROMIA

A publicação em cores, em tempos de desbravamento dos fanzines, sempre foi um sonho inalcançável, devido aos custos e ao acesso a meios de impressão a cores. A impressão colorida em off-set, somente para grandes tiragens. A impressão fotográfica, caríssima. Impressoras ou copiadoras coloridas, ainda não existiam. Alguns editores de fanzines coloriam as capas manualmente, exemplar por exemplar, com lápis de cor, hidrográficas ou aquarela. A impressão em mimeógrafo a álcool permitia algum acréscimo de cor, usando papel carbono de outras cores. E quem conseguia imprimir em off-set, às vezes conseguia colocar uma segunda cor na capa. Quem sabia, podia usar serigrafia. Quando comecei a editar o **QI**, em 1993, não existia ainda a copiadora colorida, mas havia algumas copiadoras que imprimiam com outras cores de toner. As cores disponíveis eram azul, vermelho e verde. Não são as cores primárias para a impressão gráfica, que utiliza a síntese subtrativa. Essas são o ciano (azul claro), amarelo e magenta (meio rosado), todas cores claras. As cores do toner disponíveis, além de não serem as primárias, eram cores escuras. Além disso, para a realização da síntese subtrativa, as cores têm que ser transparentes, o que é o caso da tinta do off-set. E não é o caso do toner, que é opaco. Mesmo sabendo isso tudo, decidi fazer uma experiência de “policromia capenga”. Ou seja, usar todas as cores disponíveis de toner colorido numa ilustração. Abaixo, o original para a cor preta. Na página seguinte, os originais para as 3 cores e a ilustração juntando todas as cores. O resultado não ficou bom, pelos vários motivos já apresentados. E mais alguns. A máquina copiadora não tem um bom registro de cores. E quando o papel já impresso com uma cor passa novamente pela máquina para imprimir outra cor, a alta temperatura do fusor derrete o toner da impressão anterior. Nem tentei usar essa “policromia” no **QI**, mas usei o recurso de uma segunda cor de toner (um azul muito bonito) na capa de algumas edições que fiz na época, **A Guerra dos Golfinhos** de Calazans e **O Batedor** de Cesar Silva, com bons resultados.





EDUARDO GUIMARÃES

UNDERGROUND: A QUALIDADE DOS ESQUECIDOS

Alex Sampaio

Falar de quadrinhos no Brasil é muito complicado. Desde os resquícios dos “come codics” aos tempos atuais, ainda existem preconceitos com essa arte. Imaginem para os novatos, que vivem no anonimato? Pois é, as coisas se tornam angustiantes.

O cenário mainstream atual é muito desfavorável para a publicação em larga escala ou com editoras. Para o editor, é encarado como risco investir em algo que ele não conhece. Em algo de lucro duvidoso.

Em busca de um cenário mais promissor e favorável, a web consegue reunir mais artistas que podem se organizar e divulgar seus trabalhos com um pouco mais de facilidade. Essa comunicação está sendo fundamental para chegarmos a forte cena independente.

Um outro fator decisivo que impede um bom desempenho no mundo independente, são os custos para distribuição, que quase inviabilizam a presença dessas obras nas bancas. Por certo, se torna necessário buscar projetos compartilhados em redutos como as gibitecas e lojas especializadas, bem como em encontros e convenções de quadrinhos.

As convenções e eventos do gênero aproximam os aficionados e interessados e esses encontros aproximam o público de seus artistas e reúnem o fino da cultura underground em um único local. O certo é que no início da carreira, o artista tem que entender que precisa se dedicar muito. Por isso, muitos trabalham com outras coisas, seja em agências ou estúdios, com ilustrações, ou dando aulas.

Apesar de tantos empecilhos, o que não falta mesmo é criatividade. Existem muitas formas de se publicar hoje em dia. É possível fazer um financiamento coletivo, imprimir em gráficas com pagamentos em parcelas, buscar recursos com patrocínios ou em pequenas editoras independentes ou mesmo lançar digitalmente.

Outro cenário importante é começar pequeno. Fazer projetos baratos, lançar pela internet e construir um público. Ter reconhecimento é algo que demora mesmo. E uma das grandes dificuldades é encontrar o seu próprio estilo e um público que goste da sua arte. Tem que fazer de tudo para chamar a atenção. Buscar ser visto.

Outra grande dificuldade encontrada pelos artistas é manter o foco na criatividade. Trata-se de algo que nem sempre é fácil. Existem períodos difíceis, de branco total. E o mercado exige inovação sempre. E quando se chega lá, o maior stress é manter-se nele.

Com todos esses cenários, o artista na verdade é o responsável por praticamente todo o processo de sua vida na cena underground. Desde a concepção da ideia, produção, impressão, distribuição, controle financeiro etc. Por isso costuma-se dizer que não existe mercado de HQ no Brasil. O que existem são cenas. Apesar de tantas possibilidades, vemos que o meio digital é viável, promissor e de custo generoso. Sem contar que o alcance é infinito. Isso deve ser explorado.

Notícias sobre HQ???

Acesse

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo de informações sobre quadrinhos

ENTREVISTA A NINA

De onde veio o ímpeto para criar o “QI”?

A ideia principal foi fazer uma divulgação mais extensa de publicações independentes, principalmente de quadrinhos. Inicialmente era um boletim gratuito com intenção de arregimentar possíveis leitores de quadrinhos. O máximo de circulação que tive foi para cerca de 700 leitores. Ou seja, um número pequeno para ser considerado um “mercado” alternativo.

Do número 1 do “IQI” para a quase nonagésima edição o “QI” mudou muita coisa ou só o nome?

Nos primeiros números o IQI se restringia a divulgação das publicações. Com o tempo foi incorporando outras seções, como anúncios, textos, colaborações dos leitores, até que no número 41 assumiu a feição de revista, com capa, seção de cartas, debates, e inclusão de minhas HQs.

Em que ano/edição houve a troca de “IQI” para “QI”? Alguma razão especial?

O número 41, onde o IQI mudou para QI, saiu em 1999. A principal razão foi a tentativa de conseguir mais leitores, ao dar à publicação um caráter mais diversificado e uma apresentação melhor. Infelizmente, com o aumento do número de páginas, tive que cobrar um preço (desde então igual a R\$ 1,00). Isto impediu que o número de leitores aumentasse, ao contrário, aos poucos vem diminuindo.

Quais mídias comerciais você consome (cite nomes, por favor)? O que lhe atrai nelas? Você interage de alguma forma com elas?

Publicações de quadrinhos lançadas no Brasil, quase tudo. Também algumas revistas de divulgação científica (**Scientific America, Língua Portuguesa, Mente e Cérebro**, etc.). Jornal impresso, abandonei, não considero confiável. Jornal televisivo, assisto a alguns somente para não ficar totalmente alienado. Mas também não considero confiável. Na TV, algum seriado policial e documentários da TV Cultura.

Não. Duvido que num empreendimento comercial haja alguém interessado em ouvir o que o espectador pensa.

E as mídias alternativas, quais costuma conferir? Com essas interage de alguma forma?

Meu interesse maior são as publicações alternativas de quadrinhos, mas também recebo publicações literárias, fantasia e ficção científica. Mantenho correspondência e também colaborações com estas publicações, embora ultimamente com menor frequência, devido à falta de tempo.

Você é professor do ITA. Como é esse seu outro lado de atuação?

Na verdade, toda minha formação profissional é na área de Eletrônica. O desenho e depois as publicações independentes sempre ficaram em segundo plano. Mas é um segundo plano ocupado integralmente. Fins de semana, feriados e férias estão dedicados aos quadrinhos e fanzines.

A seção Fórum de seu fanzine vem discutindo a sua declaração de acabar o informativo no número 100. Há algum outro motivo além dos valores altos (impressão e envio) e diminuição dos leitores?

O que tenho dito é que o QI neste formato atual, ou seja, enviado a um número maior de leitores a um preço que não cobre os custos, vai acabar. Minha intenção de manter o formato até o número 100 é apenas para encerrar uma fase com um número redondo. A partir daí, minha ideia é começar uma nova fase, com o preço ajustado para o preço de custo, dirigido apenas aos interessados que fizerem assinatura. Em termos de conteúdo a principal mudança é que não farei mais a divulgação extensiva que faço atualmente. Mas a principal razão da mudança é que não consigo mais arcar com os custos, principalmente o correio que aumentou mais de 500%. E como o número de leitores tem diminuído, não compensa mais a impressão em off-set que tenho feito desde o número 1.

Qual sua visão sobre o cenário atual das mídias alternativas, em especial dos fanzines?

Acho que os fanzines impressos ainda têm muito o que dizer. Nos quadrinhos, tem havido uma melhora sensível de qualidade gráfica. Não sei a longo prazo, o que acontecerá. Acho que o formato de publicação impressa é a melhor solução para divulgação de conteúdos. Se no futuro ocorrer sua diminuição, certamente o resultado é o empobrecimento intelectual da população.

Qual sua opinião sobre os e-zines informativos disponíveis na internet? Acompanha? Quais?

Acompanho moderadamente, principalmente sites de informação, algum blog. Mas confesso que não tenho vontade de ler HQs virtuais.

Não sei sua idade ao certo, mas sei que começou em 79, ou seja, está há quase 30 anos nesse meio. Como foi manter a mente ativa, ir reciclando seu trabalho e manter viva uma publicação como o “QI”?

Manter a mente ativa, cheia de projetos, é a melhor parte. Só que dá um trabalho danado transformar ideias em realidade. Sempre tive o cuidado de fazer o que estivesse dentro de minhas condições, tanto financeiras como de disponibilidade de tempo. No início, e meu primeiro fanzine saiu em 1982, não conseguia manter a periodicidade. Isso era bem angustiante. Aí fui adequando meus projetos às minhas condições. Com o QI tenho conseguido manter a periodicidade bimestral, com algumas flutuações, desde 1993.

De onde surgem as ideias para o roteiro da HQ presente em todas as contracapas, ‘Entendendo a Linguagem das HQs’? E da HQ que envolve a família? Qual o nome dessa última?

Tenho estudado a Linguagem das HQs há muitos anos e já produzi uma meia dúzia de artigos a respeito para o Congresso da Intercom. Então fazer a série *Entendendo a Linguagem das HQs* foi colocar de uma maneira mais descontraída os conceitos que eu já elaborava em artigos científicos. Esta HQ em capítulos que tenho publicado no QI é minha segunda tentativa de fazer um “romance em quadrinhos”, chamado por aí de “graphic novel”. A primeira foi a série *Mundo Feliz*, com 15 capítulos de 6 páginas totalizando 90 páginas. Esta série atual teve seu nome colocado no primeiro quadro da primeira página, no conteúdo de um cartão comercial. Chama-se *Rolando Duque – Assistência Técnica*.

Quantas cartas costuma receber mensalmente com contatos para o “QI”? Alguma história especial em relação a isso?

Mensalmente, entre 50 e 100 cartas. Talvez um pouco mais. Há uma série de histórias curiosas. Vou citar uma só. Há alguns anos, quando a editora Abril ainda publicava revistas de super-heróis em formatinho, comecei a receber cartas de crianças pedindo desenhos de heróis. Um pediu um desenho do Thor, outro pediu do He-Man, e assim, durante algumas semanas recebi cartas com este tipo de conteúdo. Cheguei até a atender alguns, mas o tempo não dava para isso. Mas fiquei curioso para saber por que eu estava recebendo este tipo de correspondência. Aí descobri que estas pessoas escreviam para a editora Abril pedindo desenhos dos heróis e a Redação da editora mandava que elas pedissem para editores de fanzines, fornecendo os endereços dos editores. O meu, inclusive.

Catálogo 2019 Tchezine



R\$ 30



R\$ 30



R\$ 10



R\$ 10



R\$ 10



R\$ 5



R\$ 10



R\$ 10



R\$ 10



R\$ 15

Denilson Rosa dos Reis – tchedenilson@gmail.com

PINTANDO DE PRETO

A página no verso talvez seja a de melhor resultado que obtive em minha juventude quando criava super-heróis a rodo e tentava fazer HQs com eles. Os personagens iam pela centena, mas as histórias, que não chegaram à dezena, tinham, cada, número de páginas que mal chegava à unidade. Nessa página, incompleta, a única feita para essa história, há alguns aspectos interessantes. Na diagramação, uma alternância de pontos de vista e de enquadramentos, planos mais gerais intercalados com primeiríssimos planos. Também uma certa “modernidade” com os personagens sangrando os enquadramentos. Embora seja uma primeira página, não traz o título, uma influência das histórias de Tarzan de Joe Kubert, que fazia uma introdução na primeira página e depois um painel duplo nas páginas 2 e 3. Embora na época eu não conhecesse, Flávio Colin fazia uma primeira página introdutória em **O Anjo**, na década de 1960. Em relação à trama, há um engodo nessa primeira página. O personagem principal é o herói criado por mim cujo nome era Negro. Tinha o uniforme totalmente preto, tal que não refletia nenhuma luz e por isso não era possível ver qualquer detalhe de volume dos músculos da anatomia. Na página, aparentemente o herói é a figura toda de preto, mas seu comportamento questionável e os detalhes de sombras em sua indumentária trazem dúvidas. De fato, seria mostrado que o Negro era o outro personagem, usando um sobretudo com capuz.

Mas há um aspecto interessante que determinou a interrupção da história sem ao menos terminar a primeira página. Lá no começo do desenhar, quando aprendi a fazer primeiro o traço a lápis e depois a arte-final a nanquim, o instrumento disponível era a pena “mosquitinho”. Usei, mas não gostei, era preciso habilidade que eu não tinha, e na verdade eu queria um traço de grossura uniforme, que não é característica da pena. Minha alegria foi descobrir a existência das canetas técnicas e finalmente conseguir comprar uma. Comprei a de traço mais fino, para fazer bem os detalhes minúsculos. Mas e na hora de preencher os fundos em preto? Às vezes usava hidrográfica mais grossa, mas eu queria o trabalho todo em nanquim. Então, preencher os fundos em preto com a caneta fininha era um martírio. Essa página trazia dois personagens cujas roupas eram totalmente pretas num ambiente noturno, com muito fundo escuro. Imagine encher toda aquela página de preto usando uma caneta técnica 0.1! Consegui pintar alguns detalhes e joguei a toalha. Depois, com o tempo, comprei outras canetas mais grossas, arrisquei usar pincel, mas aquela primeira página ficou incompleta, testemunha de minha derrota para o fundo preto.

